

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC BRUNO FERNANDES DA COSTA SILVA

A GUERRA DO YOM KIPPUR:

Uma análise do processo decisório do Alto Comando de Israel nas vésperas do  
conflito

Rio de Janeiro

2022

CC BRUNO FERNANDES DA COSTA SILVA

## A GUERRA DO YOM KIPPUR:

Uma análise do processo decisório do Alto Comando de Israel nas vésperas do  
conflito

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG RM1 Nilson da Silva Moreira

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2022

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por me dar forças para superar mais esse desafio.

À minha mãe e ao meu padrasto, pelo exemplo e suporte nos momentos difíceis.

À minha família, em especial, minha esposa BRUNA e meus filhos CAROLINA, ERICK e HENRY, agradeço pelos momentos de carinho fundamentais para manter o fogo sagrado e a motivação necessários para que este trabalho pudesse ser concluído.

Aos meus amigos CC LEO BASTOS e CC JEFFERSON LOPES, por toda amizade e colaboração durante a elaboração do presente estudo.

Ao meu orientador, CMG (RM1) NILSON, por toda serenidade, paciência e clareza ao longo de meu processo de aprendizado e de elaboração do trabalho.

## RESUMO

O processo de julgamento, de tomada de decisão e a racionalidade tem ganhado significativa importância no cenário internacional em função de proeminentes estudos científicos publicados nas últimas décadas. Nesse contexto, foram evidenciados erros comuns e limitações à racionalidade humana, merecendo assim especial atenção para sua compreensão nos processos decisórios. O estudo desenvolvido se aprofundou nos efeitos dos vieses e heurísticas presentes no processo de tomada de decisão de alto nível de Israel e como isso afetou a percepção de ameaça nas vésperas da Guerra do Yom Kippur. O trabalho utilizou a metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa com foco explicativo e utilizou a Teoria do Sistema 1 e Sistema 2 de Daniel Kahneman para identificar heurísticas e vieses presentes no processo decisório do Alto Comando israelense nas vésperas da Guerra do Yom Kippur. Verificou-se que a utilização do “conceito” se traduziu em uma heurística de ancoragem em função de considerar a simplificação das múltiplas vertentes necessárias para compor uma análise de iminência de guerra pelo arcabouço estabelecido pela AMAN, mais simples de ser compreendido. Inferiu-se também que a combinação da expectativa de retorno dos “meios especiais de coleta” à heurística de afeto originada pelo agente “o anjo” do MOSSAD contribuíram para a falta de prontidão de Israel para o conflito. Concluiu-se também que a cultura israelense de tomada de decisões afeta à segurança nacional imputou um papel de destaque nas estimativas da Inteligência Militar e isso influenciou o processo decisório israelense em outubro de 1973. Dessa maneira, deduziu-se que os vieses de confirmação, de excesso de precisão e de superposicionamento, bem como as heurísticas de disponibilidade, de afeto e de ancoragem, presentes no alto comando de Israel, impactaram na decisão de efetuar um ataque preventivo nas forças egípcias e sírias, já posicionadas para um eventual ataque ao território israelense. Assim sendo, respondeu-se ao problema estudado de aparente indecisão de Israel em atacar preventivamente o Egito e a Síria no início da Guerra de Yom Kippur. Dessa forma, abre-se um caminho para uma linha de pesquisa abordando outras ocasiões em que fenômenos cognitivos afetaram negativamente a racionalidade dos decisores de um Estado. Ressalta-se que os eventos estudados estimulam a busca pela elevação da consciência situacional visando à preparação para um possível cenário de conflito armado.

**Palavras-chave:** Heurística de disponibilidade, heurística de ancoragem, heurística de afeto, racionalidade, vies de confirmação, vies de superposicionamento, vies de excesso de precisão.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Posições ocupadas por Israel após a Guerra dos Seis Dias.....	57
FIGURA 2 – Declaração de Balfour.....	58
FIGURA 3 – Tropas posicionadas no Sinai.....	59
FIGURA 4 – Tropas posicionadas em Golã.....	60
FIGURA 5 – Estrutura da Comunidade de Inteligência de Israel.....	61

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAN – *Agaf ha-Modi'in* – Inteligência Militar

WYSIATI – O que você vê é tudo o que há

FAI – Força Aérea de Israel

FDI – Forças de Defesa de Israel

GMT – Tempo Médio de Greenwich

ONU – Organização das Nações Unidas

SAM – Míssil Superfície-Ar

FAI – Força Aérea de Israel

RU – Reino Unido

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

MOSSAD – *HaMossad leModi'in uleTafkidim Meyuhadim* – O Instituto de Inteligência e Operações Especiais

“A ilusão de que compreendemos o passado fomenta a superconfiança em nossa capacidade de prever o futuro.”

(Kahneman, 2012)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>ABORDAGEM TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
2.1	A RACIONALIDADE E O PROCESSO DECISÓRIO.....	12
2.2	OS DOIS SISTEMAS.....	14
2.3	HEURÍSTICAS E VIESES.....	16
2.3.1	VIESES LIGADOS AO EXCESSO DE CONFIANÇA.....	20
2.4	METODOLOGIA APLICADA AO TRABALHO.....	24
<b>3</b>	<b>A GUERRA DO YOM KIPPUR E ASPECTOS RELEVANTES DE ANÁLISE.....</b>	<b>26</b>
3.1	ALIANÇAS E IDEOLOGIAS.....	27
3.2	A CAMINHADA ATÉ A TARDE DE 6 DE OUTUBRO DE 1973.....	31
3.3	PRINCIPAIS ATORES ENVOLVIDOS.....	34
3.4	A INTELIGÊNCIA ISRAELENSE.....	38
3.4.1	O conceito.....	40
3.5	O DESPISTAMENTO ÁRABE.....	41
<b>4</b>	<b>AS PERCEPÇÕES ISRAELENSES.....</b>	<b>43</b>
4.1	VIESES E HEURÍSTICAS PRESENTES NO ALTO COMANDO ISRAELENSE.....	43
4.2	ANÁLISE DO PROCESSO DECISÓRIO NAS VÉSPERAS DO CONFLITO.....	47
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>57</b>



## 1 INTRODUÇÃO

No dia 6 de outubro de 1973, às 13:55 horas (GMT<sup>1</sup>+3), durante o feriado judeu do dia do perdão – Yom Kippur<sup>2</sup>, tropas egípcias ao sul de Israel cruzaram o canal de Suez em direção à península do Sinai e tropas sírias ao norte invadiram as Colinas de Golã, ambos territórios ocupados por Israel desde a vitória na Guerra dos Seis Dias<sup>3</sup> (1967). Tal movimento combinado surpreendeu os israelenses e abalou a confiança de um Estado, até então, acostumado com vitórias contundentes e significativas contra coalisões de países árabes. Mas por que seria possível uma invasão combinada surpresa contra um Estado internacionalmente reconhecido por sua expertise na seara da inteligência militar? O que poderia ter influenciado o processo decisório do Alto Comando israelense em não atacar preventivamente tropas árabes concentradas estrategicamente<sup>4</sup>, nas proximidades das fronteiras norte e sul de posições ocupadas por Israel, nas vésperas do conflito? Então, esse é o problema identificado neste trabalho: a aparente indecisão de Israel em atacar preventivamente o Egito e a Síria no início da Guerra do Yom Kippur (1973).

O presente trabalho tem o propósito de deduzir, por meio de fatos contidos em documentos que retratam a Guerra do Yom Kippur, como os vieses e as heurísticas presentes no Alto Comando de Israel impactaram a decisão de não atacar preventivamente

---

<sup>1</sup> Greenwich Mean Time (GMT): horário padrão mundial que orienta os fusos horários.

<sup>2</sup> Yom Kippur – dia do perdão; feriado mais importante da religião judaica onde os fiéis rezam e jejuam durante todo o dia. Disponível em: <https://embassies.gov.il/sao-paulo/NewsAndEvents/Pages/O-significado-de-Yom-Kippur.aspx> Acesso em: 05 jul. 2022.

<sup>3</sup> A Guerra dos Seis Dias, também conhecido como Guerra de Junho de 1967 ou Guerra árabe-israelense de 1967 ou ainda Terceira Guerra Árabe-Israelense, foi o conflito que envolveu Israel e os países árabes — Síria, Egito, Jordânia e Iraque apoiados pelo Kuwait, Arábia Saudita, Argélia e Sudão — entre 5 e 10 de junho de 1967, tendo sido a mais consistente resposta árabe à fundação do Estado de Israel, embora o estado sionista tenha saído como grande vencedor. Bowen, Jeremy (2003). *Six Days: How the 1967 War Shaped the Middle East*. London: Simon & Schuster. p.10-12. Tradução nossa.

<sup>4</sup> Concentração estratégica: Ação estratégica militar que consiste na reunião dos meios operacionais em determinadas áreas geográficas, de onde devem se deslocar para a execução de operações ulteriores, dentro de um determinado propósito de emprego. BRASIL. Ministério da Defesa. Glossário das Forças Armadas – MD35-G-01. 5ª ed. 2015.

as citadas tropas árabes. Para isso, foi utilizada a Teoria do Sistema 1 e Sistema 2, do psicólogo israelense Daniel Kahneman (1934 - ), Prêmio Nobel de economia em 2002, que descreve como o cérebro processa informações e toma decisões, considerando heurísticas e vieses presentes nos seres humanos. A metodologia utilizada para o trabalho foi a de pesquisa bibliográfica qualitativa com foco explicativo. Com isso, será possível analisar os eventos precedentes da Guerra do Yom Kippur. Também foi consultado o *Agranat Report*<sup>5</sup>, relatório que apontou diversos culpados pelos erros de preparação e de tomada de decisão no início da guerra, provocando a demissão de vários militares de alta patente das Forças de Defesa de Israel (FDI) e do setor de Inteligência Militar (AMAN) israelense.

Nesse sentido, serão identificados os principais atores estatais envolvidos no conflito, suas alianças, suas relações com o Estado de Israel e, principalmente, os tomadores de decisão do Alto Comando<sup>6</sup> israelense.

O presente estudo tem a relevância de investigar os efeitos decorrentes de vieses e heurísticas presentes no processo de tomada de decisão do Alto Comando de Israel, na iminência de uma guerra, contribuindo assim para um aumento de consciência situacional em decisões de alto nível.

Concernente a essas decisões, ressalta-se que diversos fatores contribuíram para a ocorrência dos eventos descritos e convergiram para a assessoria de inteligência do

---

<sup>5</sup> Agranat Report: A Comissão de Estado de Inquérito foi criada para investigar a Guerra do Yom Kippur. Presidida pelo Chefe de Justiça Simon Agranat, a Comissão Agranat abalou o sistema político israelense em suas bases. A Comissão recomendou a demissão imediata de vários oficiais de alto escalão, incluindo o Chefe do Estado-Maior das IDF, David Elazar, Diretor de Inteligência Militar, General Eli Zeira, entre outros. Disponível em <https://yom-kippur-1973.info/agranat/Agranateng.htm>. Acesso em 5 jul. 2022. Tradução nossa.

<sup>6</sup> Para o presente trabalho, será considerado o Alto Comando de Israel os seguintes decisores: Golda Meir – Primeira-Ministra; Moshe Dayan – Ministro da Defesa; Gen. David Elazar, Chefe do Estado-Maior das FDI, Gen. Eli Zeira – Diretor da AMAN; e Gen. Zvi Zamir – Diretor do MOSSAD.

General Eli Zeira, Diretor da AMAN<sup>7</sup>, sua omissão em ligar os “meios especiais de coleta” e ancorar-se no “conceito” estratégico que enviou e influenciou os tomadores de decisão. Ao integrar os fatores contribuintes, compôs-se um cenário dentro do qual não atacar preventivamente as tropas árabes parecia estar explicado. Isso posto, o nível de abordagem da pesquisa se concentrará naqueles eventos que contribuíram para a decisão do Alto Comando de Israel nas vésperas da deflagração do conflito.

Dentro desse contexto, o presente estudo será estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo de conteúdo vai descrever os aspectos mais relevantes da Teoria do Sistema 1 e Sistema 2, as heurísticas e vieses associados ao caso israelense e ao processo decisório, bem como a metodologia aplicada. O segundo abordará a Guerra do Yom Kippur segundo autores consagrados, aspectos contextuais da guerra, relatórios de inteligência israelenses, o conceito<sup>8</sup> e a manobra político-militar de despistamento<sup>9</sup> egípcia. O capítulo seguinte identificará, de acordo com a teoria apresentada, as heurísticas e vieses presentes no Alto Comando de Israel e analisará de que forma esses fatores impactaram na tomada de decisão. No último capítulo, serão apresentadas as conclusões do trabalho e oportunidades futuras de linhas de pesquisa sobre a temática apresentada.

---

<sup>7</sup> AMAN é o nome de como era conhecido a Inteligência Militar de Israel em função do nome em hebraico - *Agaf ha-Modi'in*.

<sup>8</sup> MORRIS, B.; BLACK, I. (1991), *Israel's secret wars: a history of Israel's intelligence services*. USA, NY, Grove Weidenfeld press, 1991, p. 290. Tradução nossa.

<sup>9</sup> Despistamento: Conjunto de medidas adotadas contra o inimigo, por meio da manipulação, distorção ou falsificação de evidências, de forma a induzi-lo a reagir de modo prejudicial aos seus interesses. É realizado com propósito estratégico ou tático. BRASIL. Ministério da Defesa. Glossário das Forças Armadas – MD35-G-01. 5a ed. 2015.

## 2 ABORDAGEM TEÓRICA

O processo de julgamento, de tomada de decisão e a racionalidade vêm ganhando papel de destaque no cenário internacional em função de proeminentes estudos científicos e livros publicados nas últimas décadas. Pesquisadores, psicólogos e economistas como Herbert Simon<sup>10</sup> (1916-2001), Daniel Kahneman<sup>11</sup> (1931- ), Amos Tversky<sup>12</sup> (1937-1996), Max Bazerman<sup>13</sup> (1955- ), entre outros, ofereceram diversas perspectivas acerca do tema. Tais doutores e pesquisadores apresentaram achados importantes sobre a dialética entre intuição e racionalidade, possibilitando a abertura de diferentes linhas de pesquisa. Dessa forma, estudos voltados à área cognitiva vêm explicando como funciona o processamento de informações pelos seres humanos e suas respectivas falhas associadas.

Nesse contexto, foram evidenciados erros comuns e limitações à racionalidade humana, merecendo assim especial atenção para sua compreensão nos processos decisórios. Nesse cenário, serão apresentados no presente capítulo os principais conceitos dessa área de conhecimento que contribuirão para a análise do corrente estudo.

O presente capítulo está dividido em quatro subseções. Na primeira subseção, serão apresentados os conceitos relativos à racionalidade e ao processo decisório. Na segunda, o Sistema 1 e o Sistema 2<sup>14</sup>, conforme a teoria desenvolvida por Stanovich e West

---

<sup>10</sup> Herbert Simon – Economista, professor, autor e pesquisador nos campos de psicologia cognitiva, informática, administração pública, sociologia econômica e filosofia. Autor de diversas obras, das quais se destaca: *Administrative Behavior*, de 1947, e o conceito de racionalidade limitada desenvolvido na década de 1950.

<sup>11</sup> Daniel Kahneman – Psicólogo, professor, pesquisador e autor da teoria do Sistema 1 e Sistema 2 junto a Amos Tversky. Aprofundou-se na pesquisa na área de economia comportamental e psicologia cognitiva apresentando diversas heurísticas e vieses decorrentes de seus estudos científicos. Dentre as principais obras, destaca-se *Rápido e Devagar: as duas formas de pensar*, de 2012.

<sup>12</sup> Amos Tversky – Psicólogo, professor, autor e pesquisador sobre economia comportamental e psicologia cognitiva. Publicou diversos artigos junto a Daniel Kahneman e entre seus livros, destaca-se; *Critical Thinking Statistical Reasoning and Intuitive Judgment*, de 1996.

<sup>13</sup> Max Bazerman – Pesquisador, professor e autor sobre negociação, economia comportamental e processo decisório. Autor de diversas obras, dentre as quais se destaca: *Processo decisório*, de 2014.

<sup>14</sup> KAHNEMAN, D. *Rápido e Devagar: as duas formas de pensar*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p.29. Os

e ampliada por Kahneman em parceria com Amos Tversky<sup>15</sup> que servirá de base para o corrente trabalho. Na terceira subseção, serão apresentados as principais heurísticas e vieses presentes nos seres humanos de importância para o corrente estudo. Na última parte, será abordada a metodologia aplicada ao estudo junto a uma breve conclusão do capítulo.

## 2.1 A RACIONALIDADE E O PROCESSO DECISÓRIO

Desde a conjugação do homem e da racionalidade proferida por René Descartes (1596-1650), traduzida pela frase "Penso, logo existo", a racionalidade passou a definir os seres humanos como seres racionais. Entretanto, como serão desenvolvidos no decorrer do presente capítulo, diversos fenômenos cognitivos estão conectados às interações do Sistema 1 e Sistema 2 em função do processamento de informações. Na presente subseção, abordaremos conceitos importantes acerca da racionalidade e de suas implicações no processo decisório sob diferentes perspectivas.

Para Bazerman (2014, p.17) o termo racionalidade refere-se ao processo de tomada de decisão com o propósito de alcançar um resultado ideal esperado, dada uma avaliação precisa dos valores e preferências de risco do tomador de decisões. Dentro desse processo, Bazerman divide o estudo da racionalidade, assim como Simon (1957), em dois modelos: o estudo dos modelos prescritivos e o estudo dos modelos descritivos.

O modelo prescritivo é baseado em um conjunto de premissas e métodos que determinam como uma decisão deve ser tomada em vez de descrever como uma decisão é tomada. No trabalho ganhador do Prêmio Nobel de Ciências Econômicas em 1978, Herbert

---

termos Sistema 1 e Sistema 2 foram propostos originalmente pelos psicólogos Keith E. Stanovich e Richard F. West, no artigo "Individual Differences in Reasoning: Implications for the Rationality Debate", publicado na revista Behavioral and Brain Sciences, n. 23 (2000): p. 645-665. Tradução nossa.

<sup>15</sup> KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. *Judgment Under Uncertainty: Heuristics and Biases*, Science, 1974, Vol. 185, nº 4157.

Simon (March e Simon, 1958; Simon, 1957)<sup>16</sup> sugeriu que o julgamento individual ficaria limitado pela racionalidade e que seria possível entender melhor o processo decisório descrevendo e explicando decisões reais utilizando-se de um modelo descritivo<sup>17</sup>.

Conforme sugere o trabalho de Simon (1957), no campo da tomada de decisões, os pesquisadores da decisão descritiva estudam os modos como as decisões são realmente tomadas de maneira interligada.

Keith Stanovich e Richard West (2000)<sup>18</sup>, pesquisadores que originalmente introduziram os termos Sistema 1 e Sistema 2, passaram décadas estudando as diferenças entre indivíduos com relação aos efeitos cognitivos apontados nesse capítulo. Stanovich publicou suas conclusões no livro *Rationality and the Reflective Mind*<sup>19</sup> e apontou que algumas pessoas são melhores do que outras em tarefas de capacidade cerebral. Esses indivíduos se destacam em testes de inteligência e são capazes de passar de uma tarefa para outra de modo rápido e eficiente. O conceito de Stanovich de uma pessoa racional é similar ao classificado como “empenhado”<sup>20</sup> por KAHNEMAN (2012, p.52).

Em que pese o aprendizado emocional ser mais rápido, a perícia<sup>21</sup>, em geral, leva-se um longo tempo para ser desenvolvida. A aquisição de perícia em tarefas complexas como xadrez de alto nível, basquete profissional ou combate a incêndio é intrincada e lenta, porque a perícia em um domínio não é uma habilidade única, mas uma ampla coleção de pequenas habilidades. Estudos mostraram que pelo menos 10 mil horas de prática

---

<sup>16</sup> SIMON, H. A. *Administrative Behavior: a study of decision making process in administrative organization*. 2 ed. New York, Macmillan, 1957, p.43-45; MARCH, J. G.; Simon, H. A. *Organizations*. New York, John Wiley & Sons, 1958, p. 137-142. Tradução nossa.

<sup>17</sup> BAZERMAN, M. H., *Processo decisório*. Tradução VIEIRA, D. 8a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014, p. 17.

<sup>18</sup> STANOVICH, K. E.; WEST, R. F. Individual Differences in Reasoning: Implications for the Rationality Debate, *Behavioral and Brain Sciences* 23 (2000): p. 645-655. Tradução nossa.

<sup>19</sup> STANOVICH, K. *Rationality and the Reflective Mind*. Reino Unido, OUP USA, 2011.

<sup>20</sup> KAHNEMAN, D. *Rápido e Devagar: as duas formas de pensar*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p.52-53. O termo “empenhado” para Kahneman se relaciona com os indivíduos que evitam o pecado da indolência intelectual, mais alertas e intelectualmente mais ativos.

<sup>21</sup> Perícia é a qualidade do perito; aquele que demonstra destreza e habilidade em determinada atividade.

dedicada<sup>22</sup> são exigidas para se atingir a perícia (KAHNEMAN, 2012, p. 296).

Ressalta-se que, em contraposição à racionalidade, uma característica essencial do processamento de informações e associações do cérebro humano é que ela retrata apenas ideias ativadas. A informação que não é recuperada, nem mesmo inconscientemente, da memória, poderia nem existir. Porém o Sistema 1 se sobressai em construir a melhor história para incorporar ideias ativadas, entretanto sem considerar a informação que não possui. Tais interações, bem como as limitações decorrentes, serão apresentadas a seguir.

## 2.2 OS DOIS SISTEMAS

Após anos de estudos dedicados ao entendimento sobre julgamento e tomada de decisões no campo da psicologia, moldados pelas descobertas das décadas de 1950 a 1970, Kahneman e Tversky publicaram o artigo “Julgamento sob incerteza: heurísticas e vieses<sup>23</sup>” em 1974. No referido estudo, os autores apresentaram diversas descobertas, relacionadas à racionalidade humana, como: a heurística da representatividade, heurística da disponibilidade, heurística de ajuste e ancoragem, entre outros.

Em um *continuum* processo de pesquisa e produção de artigos científicos e descobertas, Kahneman utilizou os termos Sistema 1 e 2, bastante usados em psicologia, e os ampliou para formular a teoria do Sistema 1 e Sistema 2, sobre como o cérebro humano processava informações, tomava decisões e das limitações associadas ao processo.

O Sistema 1 atua automaticamente e de maneira rápida, intuitiva com pouco ou nenhum esforço e sem percepção de controle voluntário. Tal sistema molda as associações

---

<sup>22</sup> *The Cambridge Handbook of Expertise and Expert Performance*. Aaron Kozbelt (Ed.), K. Anders Ericsson (Ed.), Robert R. Hoffman (Ed.) Reino Unido: Cambridge University Press, 2018, p. 1670-1671. Tradução nossa.

<sup>23</sup> KAHNEMAN, D. Rápido e Devagar: as duas formas de pensar. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p.524-538. Apesar de constar como Apêndice A do livro, o artigo original foi publicado na revista Science em 1974 com o título: *Judgment Under Uncertainty: Heuristics and Biases*.

de eventos do mundo com o tempo, bem como colhe informações de acontecimentos, aumenta seu banco de dados de memória e está sempre atuando (KAHNEMAN, 2012. p. 29).

O Sistema 2 destina atenção às atividades mentais trabalhosas, incluindo cálculos complexos e medições. Os processos do Sistema 2 são também associados à experiência subjetiva de atividade, escolha e concentração, o eu consciente, raciocinador, que possui crenças, faz escolhas e decide o que pensar e fazer sobre algo (KAHNEMAN, 2012. p. 29).

Ressalta-se que a maioria dos vieses cognitivos que serão apresentados refere-se à atuação do Sistema 1. As ações rápidas para economia de energia e busca por simplificações estão conectadas aos vieses que serão apresentados. Ressalta-se que o Sistema 1 busca a informação e passa ao Sistema 2 para sua confirmação. Caso esse segundo sistema não desconfie da informação passada, o resultado do processamento das informações será mais simples, rápido e enviesado.

Faz-se necessário também destacar que, quando o Sistema 1 encontra dificuldade para o seu funcionamento, ele aciona o Sistema 2 para prover um processamento mais detalhado e específico para tentar resolver o problema apresentado. O Sistema 2 também é acionado quando surge um problema para o qual o Sistema 1 não possui uma resposta. Nessa situação de algo novo, é esperada uma sensação de sobrecarga de atenção consciente durante a surpresa. Acrescenta-se também que o Sistema 2 é ativado quando se detecta um evento que viola o modelo do mundo mantido pelo Sistema 1 (KAHNEMAN, 2012, p. 33-34).

Em resumo, o Sistema 1 opera continuamente e aciona o Sistema 2 em algumas ocasiões. Enquanto pensamos, erros decorrentes desses dois sistemas geram efeitos cognitivos denominados heurísticas e vieses que serão apresentados a seguir.



## 2.3 HEURÍSTICAS E VIESES

Uma descoberta de extrema relevância no ramo da psicologia cognitiva<sup>24</sup> foram as tendências dos seres humanos a pensarem de uma determinada forma diante de certa situação e a maneira como questões complexas são respondidas de modo simples, rápido e enviesado. O processo de raciocínio rápido decorrente do Sistema 1, conforme apresentado anteriormente, sofre influência de processos cognitivos chamados de vieses<sup>25</sup>: uma forma de busca rápida e de interpretação de informações, decorrente do processo evolutivo, que gera tendências pré-determinadas de pensamento, muitas vezes ocasionando erros sistemáticos. Já a substituição de perguntas complexas por perguntas mais simples, visando à economia de energia para se chegar a uma resposta rápida, é nomeado de heurística.

Kahneman (2012, p.127) resume a definição técnica de heurística como sendo um procedimento simples para ajudar a encontrar respostas apropriadas, embora geralmente imperfeitas, para perguntas difíceis.

Dentre as diversas heurísticas já estudadas por acadêmicos e pesquisadores, o corrente trabalho focará nas heurísticas de disponibilidade, de afeto e de ancoragem e nos principais vieses de importância ao trabalho a elas associados.

A heurística de disponibilidade refere-se a quão fácil e rápido uma memória disponível se apresenta para uma decisão. Durante diversas pesquisas realizadas por Kahneman e Tversky, foi observado que participantes de experimentos ignoravam fatos estatísticos relevantes e se apoiavam exclusivamente na semelhança de dados que estavam

---

<sup>24</sup> Refere-se aos processos internos envolvidos em extrair sentido do ambiente e decidir que ação deve ser apropriada. Esses processos incluem atenção, percepção, aprendizagem, memória, linguagem, resolução de problemas, raciocínio e pensamento. Podemos definir psicologia cognitiva como o objetivo de compreender a cognição humana por meio da observação do comportamento das pessoas enquanto executam várias tarefas cognitivas. EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. Manual de psicologia cognitiva. tradução: Dorvillé, L. F. M.; DA ROSA, S. M. M.; 7 ed. Porto Alegre. Editora Artmed, 2017, p.1.

<sup>25</sup> KAHNEMAN, D. Rápido e Devagar: as duas formas de pensar. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p. 14.

presentes e que resgatavam em suas memórias. A quantidade de eventos era avaliada pelos participantes de acordo com a facilidade com que eram retomados. Assim, o nome “heurística da disponibilidade”<sup>26</sup> foi dado à facilidade em puxar da memória dados buscados, bem com a quantidade de eventos resgatados (KAHNEMAN, 2012, p. 15).

Podem-se citar alguns exemplos de fatores que influenciam a heurística de disponibilidade, como quando um evento dramático vivenciado aumenta temporariamente a disponibilidade de sua categoria. Outro exemplo seria quando um acidente de avião, com cobertura abundante da mídia, altera temporariamente a pré-disposição de um indivíduo sobre viajar em aeronaves. Um último exemplo seria quando a observação de um carro pegando fogo na beira de uma estrada torna o mundo, por algum tempo, um lugar mais perigoso na percepção dos presentes (KAHNEMAN, 2012, p.167).

A segunda heurística de interesse no estudo é a heurística de afeto. Tal heurística provoca dominância de conclusões sobre argumentos quando há emoções envolvidas. O psicólogo Paul Slovic<sup>27</sup> (1938- ) propôs uma heurística do afeto em que as pessoas deixam suas simpatias e antipatias determinarem suas crenças acerca do mundo (KAHNEMAN, 2012, p.133). Podem-se citar exemplos de perguntas referentes à operação do Sistema 1 sob a heurística de afeto: Será que eu gosto disso? Eu odeio isso? Qual a força de meus sentimentos em relação a isso? Segundo Slovic, em muitos domínios da vida as pessoas formam opiniões e fazem escolhas que expressam diretamente seus sentimentos e sua tendência básica de abordar ou evitar algo, sem se darem conta de que o estão fazendo. A heurística do afeto é um caso de substituição, em que a resposta para uma pergunta fácil

---

<sup>26</sup> KAHNEMAN, D. Rápido e Devagar: as duas formas de pensar. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p. 15.

<sup>27</sup> SLOVIC, P.; FINUNCANE, Melissa; PETERS, E.; MACGREGOR, D. G. Journal of Behavioral Decision Making, 2000, n.13: p. 117. Tradução nossa. Slovic propôs o termo *affect heuristic* (heurística do afeto) em sua obra *The Affect Heuristic in Judgments of Risks and Benefits*.

“Como me sinto em relação a isso?” serve como resposta para uma questão muito mais difícil “O que penso sobre isso?” (KAHNEMAN, 2012. P.177).

Uma função da heurística do afeto é simplificar a vida das pessoas, criando um mundo muito mais ordenado do que a realidade, baseado nas nossas percepções de quem gostamos ou não, em características apreciadas ou não, bem como as primeiras impressões sobre pessoas. Reforçando essa afirmação, o artigo de Kahneman, Schkade e Sunstein (1998)<sup>28</sup> apresenta evidências que sugerem que os jurados de uma corte de justiça decidem sobre as penalidades e recompensas, na maior parte do tempo, baseados em seus sentimentos de indignação, em vez do raciocínio lógico sobre o prejuízo criado pelo réu.

Muitas vezes conectado à heurística de afeto, o efeito halo<sup>29</sup> possui grande valor para o entendimento deste trabalho. Refere-se ao efeito de preenchimento de uma lacuna de conhecimento por uma conjectura que se ajusta à reação emocional do indivíduo. Em outros casos, as impressões vão se acumulando paulatinamente e a interpretação é moldada pela emoção conectada à primeira impressão de um determinado indivíduo. Dentro desse aspecto, é importante ressaltar que a sequência em que observamos as características de uma pessoa muitas vezes é determinada pelo acaso. Porém a sequência importa e o efeito halo aumenta o peso das primeiras impressões, por vezes ao ponto que a informação subsequente, em grande parte, não é considerada (KAHNEMAN, 2012, p. 108).

Outra heurística de grande significância desse trabalho é a de ancoragem. Ela ocorre quando pessoas consideram um determinado valor ou quantidade antes de responder uma estimativa. Nesse caso, a psicologia experimental aponta que a estimativa

---

<sup>28</sup> KAHNEMAN, D., SCHKADE, D. A. e SUNSTEIN, C. R. Shared outrage and erratic awards: The psychology of punitive damages. *Journal of Risk and Uncertainty*, 1998 (16), 49–86. Tradução nossa.

<sup>29</sup> ROSENZWEIG, P. The Halo Effect: How Managers Let Themselves be Deceived. Reino Unido: Simon & Schuster UK, 2008, p. 131. Tradução nossa.

ficará perto do número que as pessoas consideraram antes, daí a imagem de uma âncora. Qualquer número pedido ou apresentado antes de uma solução possível para um problema de estimativa induzirá um efeito de ancoragem (KAHNEMAN, 2012, p. 152-155).

O efeito de ancoragem, decorrente dessa heurística, pode ser subdividido em dois mecanismos diferentes, pois produzem efeitos distintos para o Sistema 1 e para o Sistema 2. O primeiro deles recebe o nome de “ajuste”, em função de ser um processo deliberado de ajuste decorrente de uma operação do Sistema 2. O segundo, mais comum, recebe o nome de “priming” e é uma operação automática do Sistema 1. O ajuste é uma operação trabalhosa e demanda atenção. Como exemplo de ajuste, pode-se citar um motorista saindo de uma via expressa e conversando com um passageiro. Nessa situação existe uma grande probabilidade de o motorista ter uma tendência de desenvolver maiores velocidades ao sair da via, pois fez um ajuste insuficiente de redução, em função da velocidade anterior mais alta. Já o *priming* evoca uma sugestão fornecida anteriormente e utiliza de maneira automática a informação fornecida sem se dar conta disso. Como exemplo de *priming*, pode-se citar uma professora que para um grupo de alunos em uma sala apresenta o número 500 e para outro grupo de alunos, em outro local, apresenta o número 5000. Logo após, ela pergunta qual seria a idade da árvore mais antiga do mundo? A média aritmética das respostas será mais alta na sala em que o número mais alto foi apresentado e vice-versa (KAHNEMAN, 2012, p. 162-163).

Em resumo, os efeitos de ancoragem são estudados em tarefas de julgamento e escolha que ao final são completadas pelo Sistema 2. Contudo, o Sistema 2 opera baseado em dados que são recuperados da memória, numa operação automática e involuntária do Sistema 1. Dessa forma, o Sistema 2 torna-se suscetível à influência tendenciosa de âncoras que tornam parte da informação mais fácil de recuperar.

Um viés de importante menção nesse trabalho é o da confirmação. Tal viés é abastecido por operações da memória associativa e é utilizado pelo Sistema 1 para favorecer tanto a aceitação acrítica de sugestões, quanto o exagero da probabilidade de eventos extremos e improváveis. Uma forma de exemplificar o referido viés está discriminada a seguir: Qual a chance de um terremoto atingir o Chile nos próximos 15 anos? Após a pergunta, as imagens disponíveis na mente do perguntado são provavelmente as imagens de terremotos, da maneira que ele ficará propenso a superestimar a probabilidade de um desastre natural caso seja questionado sobre.

Outro termo de grande importância associado a diversos vieses é o: WYSIATI<sup>30</sup>. Tal palavra corresponde a um acrônimo em inglês de *What You See Is All There Is* – o que você vê é tudo o que há. Tal regra se conecta com as três heurísticas já mencionadas, com ilusões cognitivas e com vieses ligados ao excesso de confiança a serem explorados a seguir.

### **2.3.1 Vieses ligados ao excesso de confiança**

Um dos conceitos ligados ao excesso de confiança é a ilusão de compreensão<sup>31</sup>. Nassim Taleb<sup>32</sup> apresentou o conceito de falácia narrativa para descrever como histórias distorcidas de nosso passado moldam nossas visões do mundo e nossas expectativas para o futuro. Falácias narrativas surgem inevitavelmente de nossa tentativa contínua de extrair sentido do mundo (KAHNEMAN, 2012, p. 215).

Atuando nessa conjuntura, está a importante regra WYSIATI que impõe ao indivíduo o raciocínio sobre as informações limitadas de que dispõe com se fossem tudo o que há. Nessa situação, ele constrói a melhor história possível a partir da informação

---

<sup>30</sup> KAHNEMAN, D. Rápido e Devagar: as duas formas de pensar. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p. 111.

<sup>31</sup> Ibid., p. 249-251.

<sup>32</sup> TALEB, N. N. A lógica do Cisne Negro: O impacto do altamente improvável. Brasil, Objetiva, 2021, p. 249.

disponibilizada e, sendo uma boa história, ele acredita nela. Paradoxalmente, é mais fácil para o Sistema 1 construir uma história coerente quando ele possui pouca informação<sup>33</sup>, quando há poucas peças para encaixar no quebra-cabeça (KAHNEMAN, 2012, p. 251-252).

Outro aspecto ligado ao excesso de confiança é a ilusão de validade<sup>34</sup>. Devido à regra WYSIATI, só se considera a evidência imediatamente disponível. Devido ao efeito de confiança gerado pela coerência da história criada, a confiança subjetiva que o indivíduo deposita em suas opiniões reflete a coerência da história que o Sistema 1 e o Sistema 2 construíram. A quantidade de evidência e sua respectiva qualidade não importam, pois a evidência escassa constrói uma história aceitável. Para algumas crenças, não há evidência alguma, exceto o fato do apelo emocional em deixá-las coerentes.

Apesar de ser conhecido que as previsões dos indivíduos são um pouco melhores do que a aleatoriedade, eles continuam a sentir e a agir como se cada uma de suas previsões específicas fossem válidas. Exemplifica-se tal fato com a ilusão de Müller-Lyer<sup>35</sup>, em que se sabe que as linhas são de igual comprimento, mas mesmo assim continua-se a vê-las como sendo de comprimentos diferentes. Depreende-se dessas condições a ilusão de validade, em que se sabe que a compreensão não é correta, mas segue-se acreditando no que se pensa ou no que se enxerga para validar um pensamento (KAHNEMAN, 2012, p.264).

Pontua-se que a confiança subjetiva em um julgamento não é uma avaliação raciocinada da probabilidade de que esse julgamento esteja correto. Confiança é um sentimento que reflete a coerência da informação e o conforto cognitivo<sup>36</sup> de processá-la.

---

<sup>33</sup> KAHNEMAN, D. Rápido e Devagar: as duas formas de pensar. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p. 99.

<sup>34</sup> KAHNEMAN, D. Rápido e Devagar: as duas formas de pensar. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p. 261-263.

<sup>35</sup> KAHNEMAN, D. Rápido e Devagar: as duas formas de pensar. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p. 37. A ilusão de Müller-Lyer é uma ilusão de ótica geométrica desenvolvida pelo médico psiquiatra alemão Franz Müller-Lyer, em 1889.

<sup>36</sup> Ibid. p.78. O conforto cognitivo e sua variação se dá entre “Relaxado” e “Tenso”. Relaxado é um sinal de que

Pontua-se que as declarações de confiança elevada informam, acima de tudo, que um indivíduo construiu uma história coerente em sua mente, entretanto não necessariamente verdadeira (KAHNEMAN, 2012, p.265).

Uma conclusão evidenciada nessa subseção é que uma intuição baseada no excesso de confiança, na maioria das vezes, não é confiável. Porém, é de fundamental importância receber assessorias de especialistas em áreas específicas para uma opinião amparada. Entretanto, até onde seria verdadeira essa hipótese? Tal questionamento foi o objeto de estudo de Paul Meehl<sup>37</sup> (1920-2003). Em ambientes conhecidos como de baixa validade<sup>38</sup>, em todos os casos pesquisados pelo autor<sup>39</sup>, a precisão dos especialistas foi equiparada ou superada por algoritmos simples, que levavam em consideração dados factíveis.

Outro motivo para o percentual de acertos de especialistas ser inferior é que os seres humanos são inconsistentes em realizar julgamentos sumários de informações complexas. Exemplifica-se tal situação quando um especialista é solicitado a avaliar um mesmo conjunto de informações em ocasiões distintas e suas respostas divergem. Esse fenômeno pode ser explicado pelo efeito de *priming* e pelo contexto emocional do especialista. Em situações de baixa previsibilidade, situação da maioria dos estudos revistos por Meehl, a inconsistência é destrutiva para qualquer validade prognosticada. Dessa forma,

---

as coisas estão indo bem — sem ameaças, sem grandes novidades, nenhuma necessidade de redirecionar a atenção ou de mobilizar esforços. Tenso indica a existência de algum problema, que vai exigir mobilização ampliada do Sistema 2. Inversamente, você experimenta tensão cognitiva. A tensão cognitiva é afetada tanto pelo nível atual de esforço como pela presença de demandas não cumpridas. O surpreendente é que um único mostrador de conforto cognitivo está conectado com uma ampla rede de inputs e outputs diversos.

<sup>37</sup> MEEHL, P. "Causes and Effects of My Disturbing Little Book", *Journal of Personality Assessment* 50 (1986): 370-75. Tradução nossa. Paul Meehl é psicólogo, pesquisador e professor da Universidade de Minnesota, EUA. Sua descoberta apontou uma baixa taxa de acertos de especialistas em ambientes de alto grau de incerteza e imprevisibilidade.

<sup>38</sup> KAHNEMAN, D. *Rápido e Devagar: as duas formas de pensar*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2012, p. 281.

<sup>39</sup> MEEHL, P. *Clinical vs. Statistical Prediction: A Theoretical Analysis and a Review of the Evidence* Meehl. Reino Unido: University of Minnesota Press, 1954. Tradução nossa.

Meehl apresenta uma conclusão reveladora: para maximizar a precisão prognóstica, decisões finais devem ser pautadas em fórmulas, algoritmos ou *check-lists* especialmente em ambientes de baixa validade (KAHNEMAN, 2012, p. 280-282).

Pode-se citar como exemplo o caso da anestesista Virginia Apgar (1909-1974), que apesar de especialista em anestesia e obstetrícia, juntou previsões de diferentes profissionais e criou um *check-list* (escala de APGAR)<sup>40</sup>, que gerava um indicador numérico de apoio à decisão. Tal indicador consiste em um dado de entrada, que estimula uma determinada ação imediata, de acordo com o número alcançado na escala APGAR, decorrente de sinais específicos apresentados por um recém-nascido.

Sob outra perspectiva, Bazerman (2014) aponta o excesso de confiança sob três formas básicas de vieses: em termos de excesso de precisão, superestimativa e superposicionamento. No corrente estudo, será dada atenção aos vieses de excesso de precisão e de superposicionamento.

O excesso de precisão descreve a tendência de se estar muito certo acerca dos próprios julgamentos e decisões, sem interesse em testar essas suposições, e indiferente de evidências que sugiram erros. Tal viés induz à elevação de confiança relativa ao próprio julgamento (BAZERMAN, 2014, p.33).

Já o superposicionamento representa a tendência de percepção de vantagem em relação a outros indivíduos em certas dimensões, especialmente em contextos competitivos. O superposicionamento pode acarretar em um aumento da competição com outros

---

<sup>40</sup> A escala de Apgar foi proposta em 1953 pela médica Virgínia Apgar, inicialmente sendo uma rápida análise clínica do recém-nascido. A escala tornou-se um padrão de avaliação do bebê, sendo a soma de cinco sinais, determinados nos primeiros um e cinco minutos de vida da criança. Os sinais avaliados são: força muscular, frequência de batimentos do coração, reflexo, respiração e cor. A somatória desses sinais gera uma nota que varia de 0 a 10. Disponível em <https://www.medicina.ufmg.br/observaped/escala-de-apgar>. Acesso em: 03 ago. 2022.



indivíduos, em negociações, em mercados, nos tribunais ou em um Teatro de Operações<sup>41</sup>. Decorrente da percepção incorreta ocasionada pelo superposicionamento, impasses em negociações, processos judiciais e conflitos armados podem ser explicados.

Na Marinha do Brasil, durante o desenvolvimento de um Estudo de Estado-Maior<sup>42</sup>, são utilizados os conceitos desenvolvidos nesse capítulo acerca de racionalidade e processo decisório, alinhados com as definições de Kahneman (2012) e Bazerman (2014). Contudo, pontua-se que, relacionado ao aspecto do excesso de confiança, o EMA-332 – Processo Decisório e Estudo de Estado-Maior, o trata como um viés derivado da heurística de ancoragem e ajuste, conseqüente da tendência dos decisores a demonstrarem excesso de confiança quanto à infalibilidade de seus julgamentos perante questões moderadas ou extremamente difíceis.

## 2.4 METODOLOGIA APLICADA AO TRABALHO

O presente trabalho utilizou a metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa com foco explicativo e definiu os assuntos de interesse de busca em três principais: Teoria do Sistema 1 e Sistema 2 de Kahneman e heurísticas e vieses, Guerra do Yom Kippur e inteligência militar israelense.

Foram utilizados livros e reportes de inteligência, arquivos Estatais, artigos científicos, livros sobre a Guerra do Yom Kippur, reportes de jornais de 1973, discursos de

---

<sup>41</sup> Teatro de Operações: Parte do teatro de guerra necessária à condução de operações militares de grande vulto, para o cumprimento de determinada missão e para o conseqüente apoio logístico. BRASIL. Ministério da Defesa. Glossário das Forças Armadas – MD35-G-01. 5a ed. 2015.

<sup>42</sup> MARINHA DO BRASIL, ESTADO-MAIOR DA ARMADA, EMA-332 – PROCESSO DECISÓRIO E ESTUDO DE ESTADO-MAIOR, 1a Rev., 2015, p. 3-1. O Comandante, a fim de obter uma ideia precisa de um problema, consigna o tema a um oficial, a um grupo de seus oficiais de Estado-Maior ou, em casos mais abrangentes, a representantes de diversos setores sob sua responsabilidade ou cedidos por outros Comandos. Esse grupo de trabalho passa a ter responsabilidade de proceder a uma minuciosa e mais completa possível investigação, análise e avaliação de todos os fatores pertinentes ao assunto.

chefes de Estado, transcrições de conversas de atores, sítios da internet como *Jewish Library* e *Journal of Palestine Studies*, entre outros. As informações foram separadas por assuntos de interesse, fichadas e classificadas para posterior comparação com a Teoria do Sistema 1 e Sistema 2, permitindo assim a identificação de heurísticas e vieses presentes no Alto Comando de Israel nas vésperas da Guerra do Yom Kippur.

No presente capítulo, foram apresentados diversos fenômenos cognitivos associados ao processamento de informações pelos seres humanos. Percebeu-se que, diante de algumas situações, da informação disponível, de concepções sobre um assunto, da imagem do transmissor da mensagem pelo receptor, o entendimento da mensagem será diferente. Se algum dado foi fornecido anteriormente, se existe algum apego emocional por uma das partes envolvidas e se existem lacunas de conhecimento, é provável que o Sistema 1 processe informações enviesadas. Tais informações serão passadas para o Sistema 2 e, caso não haja nenhuma diferença percebida, nosso cérebro processará essa informação e chegará a uma conclusão igualmente tendenciosa.

Adicionalmente, pontua-se que o Sistema 2, caso esteja em um estado de conforto cognitivo, provavelmente julgará que não é necessário o dispêndio de energia para processar uma informação de maneira criteriosa e se utilizará de heurísticas para chegar a uma resposta de uma situação complexa de maneira mais rápida, simples e enviesada.

Os conceitos importantes aqui dispostos serão utilizados para a análise posterior, no capítulo 4 – As Percepções Israelenses, de forma a identificar os efeitos cognitivos presentes no Alto Comando de Israel. Tal apreciação será baseada nos dados apresentados no capítulo 3 – A Guerra do Yom Kippur e Aspectos Relevantes de Análise, apresentados a seguir.

### 3 A GUERRA DO YOM KIPPUR E ASPECTOS RELEVANTES DE ANÁLISE

A Guerra do Yom Kippur<sup>43</sup> entre árabes e judeus foi um conflito de grande significância no Oriente Médio<sup>44</sup>, porém não poderia ser compreendido separadamente da Guerra dos Seis Dias. Esse último conflito permitiu que Israel anexasse três vezes o tamanho de seu território (FIG. 1, ANEXO A), incluindo Cisjordânia e Jerusalém, Colinas de Golã e Península do Sinai, impôs uma humilhante derrota para a coalisão de países árabes do Oriente Médio e interrompeu uma importante Linha de Comunicação Marítima (LCM) – o Canal de Suez. No início da Guerra dos Seis Dias, o principal princípio de guerra<sup>45</sup> utilizado por Israel foi a surpresa: identificou a concentração estratégica de países árabes nas proximidades de suas fronteiras, confirmou os planos de ataque inimigos com informações de inteligência e efetuou um ataque preventivo sobre os exércitos da coalizão<sup>46</sup>.

Após um cessar-fogo<sup>47</sup> imposto pela Organização das Nações Unidas (ONU) em novembro de 1967, seguiu-se uma continuidade de pequenas contendas e ataques para

---

<sup>43</sup> Guerra do Yom Kippur, também conhecida como Guerra Árabe-Israelense de 1973, Guerra de Outubro, Guerra do Ramadã ou Quarta Guerra Árabe-Israelense, foi um conflito militar ocorrido de 6 de outubro a 26 de outubro de 1973, entre uma coalizão de estados árabes, liderada por Egito e Síria, contra Israel.

<sup>44</sup> Oriente Médio ou Médio Oriente é um termo que se refere a uma área geográfica à volta das partes leste e sul do mar Mediterrâneo, sub-região da Afro-Eurásia e partes da África setentrional. Porém ressalta-se que não há consenso entre arqueólogos, historiadores, cientistas políticos e geógrafos sobre quais países exatamente fazem parte da região. É o local de nascimento e centro espiritual do cristianismo, islamismo, judaísmo, entre outras religiões. Ao longo de sua história, tem sido um grande centro de negócios do mundo, uma área estratégica, econômica, política, cultural, religiosamente sensível e centro de muitos conflitos decorrente de disputas territoriais, religiosas e econômicas.

<sup>45</sup> MARINHA DO BRASIL, ESTADO-MAIOR DA ARMADA, EMA-305 – DOCTRINA MILITAR NAVAL, 1a ed., 2017, p. 2-6. Os Princípios de Guerra variam de acordo com diversos autores, porém os previstos na Doutrina Militar Naval são: economia de forças ou meios, exploração, manobra, massa ou concentração, moral, objetivo, ofensiva, prontidão, segurança, simplicidade, surpresa e unidade de comando.

<sup>46</sup> Israel lançou um ataque aéreo maciço que destruiu a maioria da Força Aérea Egípcia no solo. Após ataques sírios e jordanianos em retaliação, a Força Aérea de Israel bombardeou bases aéreas nesses países. Ao meio-dia, as Forças Aéreas do Egito, Jordânia e Síria, com cerca de 450 aeronaves, foram destruídas. A operação também foi muito bem-sucedida em desativar 18 aeródromos no Egito, dificultando as operações da Força Aérea Egípcia durante a guerra, e continua sendo uma das campanhas de ataque aéreo mais bem-sucedidas da história militar.

<sup>47</sup> O cessar-fogo foi imposto através da Resolução n. 242 do Conselho de Segurança da ONU em 22 de novembro de 1967.

desgastar forças inimigas de ambos os lados. Ainda em 1967, a França impôs um embargo de armamentos à Israel o que fez os israelenses se aproximarem mais dos EUA e a desenvolverem ainda mais sua indústria de defesa.

Outro evento importante ocorrido em 1967 foi a Conferência de Cartum, situação em que países árabes aprovaram, entre outros termos, a resolução dos três não: (1) não ao reconhecimento de Israel; (2) não à negociação com Israel; e (3) não à paz. Posteriormente à conferência, intensificou-se a Guerra de Atrito<sup>48</sup> até 1970, ano em que um novo cessar-fogo<sup>49</sup> entre Egito, Israel e Jordânia foi assinado. Entretanto, nenhuma solução definitiva para o impasse gerado pelos territórios ocupados por Israel e o fechamento do Canal de Suez foram acordados. Traçava-se assim o caminho para um novo conflito na região.

O presente capítulo apresentará os principais dados que contribuíram para a escalada da crise, desde o pós-guerra (1967) até as vésperas do Yom Kippur (1973), focando em fatos e informações que estavam disponíveis para assessoria ao processo decisório do Alto Comando de Israel. Também abordará brevemente aspectos históricos relacionados com as tensões entre árabes e judeus no Oriente Médio.

### 3.1 ALIANÇAS E IDEOLOGIAS

Para que se possa melhor analisar as razões que confluíram para a eclosão da Guerra do Yom Kippur, faz-se mister examinar a história recente de árabes e judeus, as alianças e as ideologias presentes nesses povos.

---

<sup>48</sup> HERZOG, C. A Guerra do Yom Kippur. trad. de Julio Galvez. Brasil: Biblioteca do Exército, 1977, p. 22. A Guerra de Atrito ou Desgaste, entre Egito e Israel, foi declarada em 8 de março de 1969 pelo então presidente do Egito Gamal Abdel Nasser, conflito caracterizado por bombardeios em larga escala ao longo do Canal de Suez, extensiva guerra aérea e ataques de comandos. Tal contendo perdurou até o cessar-fogo em agosto de 1970.

<sup>49</sup> Uma complexa proposta de cessar-fogo foi aceita por Israel, Egito e Jordânia em agosto de 1970. Essa proposta especificava limites para a implantação de mísseis e reviveu uma iniciativa diplomática que insistia em uma troca de territórios ocupados por Israel pela paz em todas as frentes.

Conflitos entre árabes e judeus têm origens milenares e carregam uma longa história de desavenças religiosas e de disputa de terras. Há mais de mil anos, judeus e árabes, dois entre vários povos semitas<sup>50</sup>, ocuparam partes do território da região do Oriente Médio. Como adotavam sistemas religiosos diferentes, eram comuns divergências ideológicas, que foram agravadas com a criação do islã<sup>51</sup> no século VII.

Avançando no tempo e alcançando a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o conflito entre os dois povos se intensificou por ocasião do término do Império Otomano (1299-1923), um dos efeitos da Grande Guerra. A Palestina, antes pertencente ao findo Império citado, passou a ser administrada pelo Reino Unido (RU). Ressalta-se que, no início do século XX, a região possuía 27 mil quilômetros quadrados e abrigava uma população árabe de cerca de 644 mil de pessoas, sendo em torno de 56 mil judeus (CAMARGO, 2009, p.429). Nesse ponto, destaca-se o apoio dos britânicos ao movimento sionista<sup>52</sup>. Em 2 de novembro de 1917, o Secretário do Exterior britânico Arthur Balfour (1848-1930) declarou que, depois que a guerra terminasse, seu país apoiaria a criação de um novo Estado judeu na Palestina, que o que ficaria conhecido como a Declaração Balfour (FIG. 2, ANEXO B).

Sob a intervenção de Balfour, foi arquitetado um acordo entre britânicos e judeus russos, decorrente da necessidade de apoio durante a Primeira Guerra Mundial. Naquele momento, era importante criar um Estado para os judeus, que vinham sofrendo perseguições e violências em todo o mundo, mas sem violar os direitos dos palestinos árabes

---

<sup>50</sup> O termo semita tem como principal conjunto linguístico composto por uma família de vários povos, entre os quais se destacam os árabes e hebreus, que compartilham as mesmas origens culturais. A origem da palavra semita vem de uma expressão no Gênesis e referia-se a linhagem de descendentes de Sem, filho de Noé. Atualmente os povos chamados de semitas são essencialmente judeus e árabes, mas na antiguidade também existiam os assírios, babilônios, arameus, cananeus e fenícios.

<sup>51</sup> Islã ou islão- é uma religião abraâmica monoteísta articulada pelo Alcorão, um texto considerado pelos seus seguidores como a palavra literal de Deus, e pelos ensinamentos e exemplos normativos de Maomé, considerado pelos fiéis como o último profeta de Deus. Um adepto do islão é chamado muçulmano.

<sup>52</sup> O sionismo é um movimento político que defende o direito à autodeterminação do povo judeu e à existência de um Estado nacional judaico independente e soberano no território onde historicamente existiu o antigo Reino de Israel.

que já ali habitavam. Nesse contexto, iniciou-se na década de 1920 uma grande imigração de judeus para a Palestina.

Após 1933, com a ascensão do nazismo na Alemanha e o aumento das perseguições contra os judeus na Europa, a imigração judaica para a região cresceu vertiginosamente. Os palestinos, por sua vez, resistiram a essa ocupação e os conflitos se agravaram. Posteriormente à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e ao fim do Holocausto<sup>53</sup>, que levou ao extermínio de cerca de seis milhões de judeus, a crescente demanda internacional pela criação de um Estado judaico fez com que a ONU aprovasse, em 1947, um plano de partilha da Palestina em dois Estados: um judeu, ocupando 55% da região, e outro palestino (árabe), com o restante das terras. A partilha, desproporcional em relação à ocupação histórica, desagradou os países árabes em geral.

Em 14 de maio 1948, os judeus fundaram o Estado de Israel após a desocupação do RU da região. Um dia depois, uma coalisão árabe<sup>54</sup>, insatisfeita com a divisão da palestina, declarou guerra aos israelenses, invadiu o recém-criado Estado de Israel, porém acabou derrotada. Nesse evento, Israel aumentou seu território para 79% das antigas terras palestinas e o restante do território foi anexado pela Transjordânia (Cisjordânia) e pelo Egito (Faixa de Gaza). (CAMARGO, 2009, p.435). Em consequência disso muitos palestinos refugiaram-se em Estados árabes vizinhos, enquanto boa parte permaneceu sob a autoridade israelense. Novos conflitos se sucederam em razão da questão fronteiriça, com vitórias israelenses, entretanto sem uma solução para o problema crônico dos refugiados palestinos.

Na década de 1950, o Egito era governado por Gamal Abdel Nasser (1918-1970),

---

<sup>53</sup> Holocausto, também conhecido como Shoá, foi o genocídio ou assassinato em massa de cerca de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>54</sup> Coalisão árabe de 1948 era composta pelos exércitos do Egito, Síria, Iraque, Jordânia, Líbano e Arábia Saudita.

cujo governo era extremamente nacionalista. Em 1956, o governo egípcio anunciou a nacionalização do Canal de Suez, o que desagradou aos governos francês e britânico, que possuíam interesses econômicos no canal. Assim, uma aliança entre França, Reino Unido e Israel foi feita, e os três países juntos organizaram um plano para atacar as forças egípcias. Tal fato ocorreu em 29 de outubro de 1956, quando a Península do Sinai foi atacada pelas tropas dos três países, iniciando a Guerra de Suez<sup>55</sup>. Entretanto, temendo represálias da ex-URSS, aliada do Egito, contra os seus aliados, os EUA pressionaram o RU, França e Israel a se retirar do Canal, fortalecendo a posição da aliança entre ex-URSS e Egito na região (CAMARGO, 2009, p.437-438)

Nas décadas seguintes, após a vitória israelense sobre a coligação árabe (Egito, Síria, Jordânia e Iraque) na Guerra dos Seis Dias, iniciava-se o diálogo entre Israel e Jordânia. Tal aproximação ocorreu devido à experiência traumática do Rei Hussein (1935-1999) decorrente da Guerra dos Seis Dias e a forma como Israel o ajudou a resistir aos ataques palestinos e sírios iniciados em setembro de 1970, conhecidos como Setembro Negro<sup>56</sup>.

Em resumo, pôde-se perceber que a condição de tensão no do Oriente Médio, decorrente do surgimento do Estado de Israel, encontrava-se longe de sua estabilização. Pontua-se o apoio dos EUA à Israel, mas com interesse<sup>57</sup> em diminuir a influência da ex-URSS sobre os países árabes na região. Divergências ideológicas, religiosas, disputas territoriais, alianças, diferenças de poder militar regional, exploração de recursos e aspectos culturais,

---

<sup>55</sup> Guerra de Suez ou Crise de Suez foi uma crise política que teve início em 29 de outubro de 1956, quando Israel, com o apoio da França e Reino Unido, que utilizavam o canal para ter acesso ao comércio oriental, declarou guerra ao Egito em razão da nacionalização do canal pelo presidente Nasser.

<sup>56</sup> Setembro Negro foi um período que se estendeu de setembro de 1970 a julho de 1971, iniciado quando o exército da Jordânia entrou em confronto com as organizações guerrilheiras da OLP, então baseadas na Jordânia, visando a expulsá-las do país. Em consequência, os refugiados palestinos tiveram que emigrar em massa. Melhorar referência.

<sup>57</sup> Transcrição do telefonema entre o Secretário de Estado Henry Kissinger e o embaixador chinês Huang Chen demonstra os interesses dos EUA em 6 out. 1973 na região do Oriente Médio. Disponível em <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB98/octwar-17.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2022.

são fatores que influenciavam o nível de tensão na região e estavam manifestados em 1973.

### 3.2 A CAMINHADA ATÉ A TARDE DE 6 DE OUTUBRO DE 1973

A vitória de Israel em 1967 estendeu suas fronteiras (FIG. 1, ANEXO A). Israel instalou estações de espionagem eletrônica e alarme antecipado no vale do Rio Jordão ao longo da fronteira com a Jordânia, no Monte Hermon em Golã, com foco na Síria, e ao longo da margem leste do Canal de Suez, o que permitiu Israel observar as forças egípcias.

Pouco tempo depois, em 1969, a Força Aérea de Israel (FAI) já usava drones<sup>58</sup> para fotografar e monitorar tropas egípcias, sírias e jordanianas nas proximidades de suas fronteiras. Em julho de 1969, a FAI participou de bombardeios no vale do Rio Nilo, sobre o território egípcio, em reação à continuação da Guerra de Atrito do Egito. Em resposta aos ataques da FAI, o presidente Nasser pediu ajuda aos soviéticos<sup>59</sup>, na defesa do espaço aéreo egípcio devido à superioridade dos israelenses. Conforme descrito por Morris e Black (1991, p.284), os soviéticos responderam rapidamente, enviando baterias de SAM (*Surface-to-Air Missile*) mísseis antiaéreos, incluindo os mais recentes SAM-3, com tripulações soviéticas, e esquadrões de MiG-21<sup>60</sup>, com pilotos e equipes de apoio em solo soviéticos.

Durante a Guerra de Atrito, os soviéticos usaram suas aeronaves para dar suporte às tropas egípcias ao longo do Canal de Suez e mover suas baterias de SAM para o mais próximo possível das posições israelenses. A princípio, Israel se absteve de engajar os MiG-21. Porém, isso mudou em julho de 1970, quando em um confronto, a FAI derrubou cinco MiG-21 em uma disputa aérea no Canal de Suez (MORRIS; BLACK, 1991, p.284).

---

<sup>58</sup> MORRIS, B.; BLACK, I. *Israel's Secret Wars: A History of Israel's Intelligence Services*. Estados Unidos: Grove Weidenfeld, 1991, p. 283. Ressalta-se que drones são aeronaves remotamente pilotas. O termo atualmente utilizado para esses equipamentos é SARP – Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas.

<sup>59</sup> Até a dissolução da ex-URSS em dezembro de 1991, o termo soviético, em referência aos habitantes da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, será utilizado para se referir ao povo de origem russa.

<sup>60</sup> Aeronave de caça para defesa aeroespacial ativa de origem da ex-URSS do fabricante Mikoyan-Gurevich.



Com os soviéticos profundamente envolvidos na defesa do Egito e na iminência de entrarem em conflito contra Israel, os estadunidenses ficaram preocupados com a nova elevação de tensão na região e negociaram um cessar-fogo sob a forma do Plano Rogers<sup>61</sup>. O Plano entrou em vigor em 7 de agosto de 1970 e previa o congelamento dos desdobramentos egípcios e israelenses a partir da data mencionada. Contudo os egípcios violaram o acordo no dia seguinte<sup>62</sup>, movendo suas baterias de SAM para perto das margens do Canal de Suez. Nessa ocasião, soviéticos e egípcios inferiram que Israel não responderia tão cedo após o cessar-fogo entrar em vigor, o que durante algum tempo estaria certo.

Ainda em 1970, representantes de Israel em Washington denunciaram a quebra do acordo por parte do Egito e entraram em uma divergência de informações com Ray Cline (1916-1996), então chefe da unidade de inteligência do Departamento de Estado estadunidense. O então embaixador israelense nos EUA, Yitzhak Rabin (1922-1995), evidenciou a alegação, apresentando fotos aéreas das novas posições ocupadas pelos destacamentos egípcios. Diante das evidências, o presidente Richard Nixon (1913-1994) orientou que fossem retirados os vetos a várias categorias de armas para os israelenses.

Ao fim de setembro de 1970, Nasser morre decorrente de problemas cardíacos e assume o vice-presidente do Egito, Anwar Al Sadat (1918-1981). Sadat, após um impasse nas negociações de um acordo com Israel em 1971, declarou publicamente sua intenção de atacar o Estado judeu. O então presidente egípcio chamou o ano de 1971 de "o ano da decisão", porém Sadat não atacou Israel segundo Herzog (1977, p. 37-38). Em 1972, após

---

<sup>61</sup> MORRIS, B.; BLACK, I. *Israel's Secret Wars: A History of Israel's Intelligence Services*. Estados Unidos: Grove Weidenfeld, 1991, p. 284. Tradução nossa. O então presidente dos EUA Richard Nixon, já envolvido com o desfecho da Guerra do Vietnã, temia um eventual confronto entre Israel, seu aliado, contra a ex-URSS e enviou o secretário de Estado à época William Rogers para intervir com uma complexa proposta de cessar-fogo, que foi aceita por Israel, Egito e Jordânia em agosto de 1970 – o Plano Rogers.

<sup>62</sup> MORRIS, B.; BLACK I. *Israel's Secret Wars: A History of Israel's Intelligence Services*. Estados Unidos: Grove Weidenfeld, 1991, p. 285. Tradução nossa.

reforçar o apoio<sup>63</sup> militar proveniente da ex-URSS, Sadat continuou a fazer ameaças e a demonstrar intenções agressivas em relação a Israel. No final de 1972, houve uma escalada militar e a quase eclosão de um conflito entre Israel e Egito, fazendo com que Israel mobilizasse seus reservistas, porém sem a sua concretização. Em maio de 1973, Sadat fez a segunda ameaça não concretizada de guerra, o que fez com que Israel novamente mobilizasse tropas e reservistas, visando à preparação para uma possível ofensiva egípcia. Em resumo, nas mentes da Inteligência israelense, o presidente Sadat havia se tornado uma pessoa que fala e não age, "um caso de lobo chorão" (MORRIS e BLACK. 1991, p.293).

Entre setembro e outubro de 1973, quando o Egito realmente se preparava para a guerra, diversos ministros egípcios mantiveram declarações pacíficas para com governos ocidentais como parte de um despistamento em nível político. Na esfera militar, várias ações foram executadas, destacando-se a divulgação da desmobilização de 20.000 reservistas na mídia egípcia em 04 de outubro (MORRIS e BLACK, 1991, p.297).

As agências de inteligência israelenses produziram grande quantidade de dados oriundos das informações recolhidas de fontes egípcias nesse período. Adicionalmente, relatórios sobre as ações e movimentações militares egípcias foram enviados para a AMAN e geraram novos dados, que dificultaram a elaboração de uma análise correta pela Inteligência Militar israelense. Soma-se a isso o extremo cuidado com que egípcios e sírios tiveram sobre a coordenação dos planos de batalha e quem os conheceria antes de 6 de outubro.

No Egito, apenas o presidente Sadat e seu ministro da Guerra, Ahmad Ismail Ali (1917-1974), sabiam dos planos da campanha antes de 1º de outubro. Na Síria, não mais que

---

<sup>63</sup> HERZOG, C. A Guerra do Yom Kippur. trad. de Julio Galvez. Brasil: Biblioteca do Exército, 1977. p. 28. Tratado Egípcio-Soviético de Amizade e Cooperação assinado em 27 de maio de 1971.

dez pessoas, incluindo o presidente Hafez al-Assad<sup>64</sup> (1930-2000), seu Ministro da Guerra e outros Oficiais de mais alta patente sabiam sobre o ataque iminente a Israel.

Do lado israelense, a Inteligência Militar estava ciente dos planos de guerra árabe já em meados de 1973. Eles sabiam que o Segundo e o Terceiro Exércitos egípcios tentariam cruzar o Canal de Suez a uma profundidade de cerca de dez quilômetros dentro do lado israelense do Sinai e já possuíam material para isso. Assim como os planos de guerra egípcios (Operação Badr<sup>65</sup>), AMAN também estava ciente de muitos detalhes do plano de guerra sírio (MORRIS e BLACK. 1991, p.289).

Os acontecimentos a partir de 1º de outubro de 1973 serão abordados nas seções seguintes em função dos detalhes e das ações dos atores envolvidos.

### 3.3 PRINCIPAIS ATORES ENVOLVIDOS

O principal órgão decisório de Israel era o governo composto por Golda Meir (1898-1978) e mais 30 ministros. Porém, tendo em vista que a primeira-ministra tinha aversão a vazamentos de informação e não considerava o fórum ministerial adequado para discutir questões delicadas de segurança nacional Golda criou, então, grupos decisórios menores, conhecidos como “gabinetes da Golda” ou “gabinetes da cozinha”. Esses gabinetes eram compostos por alguns ministros relevantes, que Meir respeitava pessoal e profissionalmente e serviam como fóruns de consulta, assessoria e tomada de decisão antes das discussões formais em nível governamental.

O gabinete de Golda para situações de defesa nacional era composto por: ela

---

<sup>64</sup> Hafez al-Assad foi o presidente da Síria entre 1971 e 2000.

<sup>65</sup> Operação Badr foi o nome de código para a operação militar egípcia para cruzar o Canal de Suez e tomar a Linha Bar-Lev de fortificações israelenses em 6 de outubro de 1973. Lançado em conjunto com um ataque sírio às Colinas de Golã, marcou o início do Yom Kippur Guerra. O nome Badr também remete à Batalha de Badr no século VII, que foi uma batalha fundamental nos primórdios do Islã, quando ocorreu uma virada na luta de Maomé contra seus opositores.

mesma, o Ministro da Defesa, Moshe Dayan (1918-1981), o Ministro sem função específica Yisrael Galili (1911-1986) e, às vezes, o vice-primeiro-ministro Yigal Alon (1918-1980). Quando questões de guerra eram discutidas, o Chefe do Estado-Maior, Gen. David Elazar (1925-1976) e o diretor da Inteligência Militar (AMAN), Gen. Eli Zeira (1928- ), também participavam. Se o motivo da reunião envolvesse fontes do MOSSAD, o diretor do MOSSAD, Gen. Zvi Zamir (1925- ) também participava (MCDERMOTT e BAR-JOSEPH, 2017, p.204).

Em maio de 1973, durante uma reunião crítica decorrente de uma ameaça de guerra iminente do Egito, o diretor da AMAN foi o mais confiante ao expressar a opinião de que a probabilidade de guerra era baixa. Na ocasião, o diretor do MOSSAD foi mais cauteloso das intenções árabes, assim como o Chefe do Estado-Maior e o Ministro da Defesa, pois as informações mostravam o oposto (MCDERMOTT; BAR-JOSEPH, 2017, p.205).

Naquela época, Israel demonstrava superioridade militar principalmente nos combates aéreos. Tal fato foi demonstrado em 13 de setembro de 1973, ocasião em que Israel abateu 12 aeronaves sírias durante uma missão de reconhecimento e perdeu uma. Nesse contexto, o diretor da AMAN, continuava a alimentar a crença de que os árabes não contemplariam nem mesmo uma guerra de desgaste antes do final de 1975, conforme afirmação feita em 21 de setembro durante uma reunião com executivos do Ministério das Relações Exteriores de Israel (MORRIS; BLACK, 1991, p.303).

Outro fato importante na construção do corrente estudo foi negligência da inteligência israelense em avaliar adequadamente as informações fornecidas pessoalmente pelo Rei Hussein da Jordânia, em Israel, em 25 de setembro de 1973. O Rei Hussein alertou Golda sobre um iminente ataque egípcio e sírio. A Jordânia enviou uma força simbólica para o lado sírio das Colinas de Golã para mostrar sua preocupação com a solidariedade árabe, mas manteve sua própria frente com Israel completamente quieta durante a guerra

(MCDERMOTT; BAR-JOSEPH, 2017, p.197).

Em função de avaliar que a Síria não atacaria Israel sem o Egito e este provavelmente não iria à guerra sem possuir superioridade aérea, Israel concluíra que as intenções sírias não poderiam ser realmente agressivas singularmente. Essa visão se manteve mesmo depois que a Inteligência<sup>66</sup> dos EUA, no final de setembro de 1973, enviou uma avaliação de que um ataque combinado egípcio-sírio era possível. Israel respondeu que não era algo para se preocupar (MORRIS; BLACK, 1991, p.304).

No entanto, os desdobramentos sírios abaixo das Colinas de Golã eram preocupantes o suficiente para Israel enviar mais tropas e equipamentos para Golã no final de setembro. Após o envio de reforços, o chefe do MOSSAD, continuou a expressar sua preocupação com o acúmulo de tropas sírias em contraste com a avaliação tranquilizadora do chefe da AMAN sobre a situação em 3 de outubro. Segundo Morris e Black (1991, p.307), nessa data Zamir tentou alertar a primeira-ministra sobre a situação, porém sem sucesso.

Um fato importante para a análise nesse estudo foi que, durante a semana entre 28 de setembro e 05 de outubro, o Gen. Zeira decidiu não empregar os “meios especiais de coleta<sup>67</sup>” para escutar as reais intenções de Cairo e Damasco. Por não empregar essas medidas e, principalmente, por dar a impressão a Elazar e a Dayan de que o havia feito, Zeira foi severamente repreendido pela Comissão Agranat<sup>68</sup> no ano seguinte, sendo esse um erro

---

<sup>66</sup> MORRIS, B.; BLACK, I. *Israel's Secret Wars: A History of Israel's Intelligence Services*. Estados Unidos: Grove Weidenfeld, 1991, p. 305. Em 24 de setembro, uma estimativa combinada de inteligência dos EUA, pela CIA, NSA (Agência de Segurança Nacional) e DIA (Agência de Inteligência de Defesa), de que um ataque conjunto sírio-egípcio era possível foi enviada a Israel. A avaliação dos EUA foi baseada em um exercício egípcio incomum em nível de divisão, usando uma complexa rede de comunicações de campo.

<sup>67</sup> BLUM, H., *The Eve of Destruction: The Untold Story of the Yom Kippur War*, New York: Harper Collins, 2003, p. 120. Tradução nossa. Os meios especiais de coleta eram uma série de dispositivos operados por bateria ligados a conexões de telefone e cabo enterrados nas areias próximos ao Cairo. Quando operados por um sinal, os operadores em Israel podiam ouvir não apenas o que era dito pelas linhas telefônicas e a cabo, mas também escutar as conversas nas salas onde se localizavam o telefone e os consoles de telex.

<sup>68</sup> Disponível em: <https://archives.mod.gov.il/sites/English/docs/agranat2/Pages/default.aspx>. Acesso em: 03 ago. 2022.

capital nas vésperas da guerra (MORRIS; BLACK, 1991, p.307).

Em 4 de outubro, Zvi Zamir começou preocupar-se em função de conselheiros soviéticos e suas famílias estarem deixando o Egito e a Síria. Enquanto isso, aeronaves de transporte repletas de equipamentos militares da ex-URSS, pousaram em Damasco em 5 de outubro. Na noite anterior, fotografias aéreas revelaram que as concentrações de carros de combate, de infantaria e de baterias antiaéreas no Egito e na Síria (FIG. 3, ANEXO C; FIG. 4, ANEXO D) estavam em um quantitativo sem precedentes.

Em 5 de outubro de 1973, às 02:30 da manhã, o chefe do MOSSAD recebeu um telegrama de sua principal fonte – “O anjo”, posteriormente revelado Ashraf Marwan (1944-2007), genro do ex-Presidente Nasser e um colaborador próximo do Presidente Sadat, expressando que a guerra era certa (MORRIS; BLACK, 1991, p.286).

No entanto, Zamir, apesar de seu alarme, não contou à Primeira-Ministra, ao Ministro da Defesa ou ao Chefe do Estado Maior sobre a mensagem. Ele informou somente o diretor da AMAN sobre seu conteúdo e expressou certeza de que a guerra era iminente. No entanto, Zamir decidiu ir à Londres para conhecer pessoalmente a fonte à meia-noite da noite de 5 para 6 de outubro. O Gen. Eli Zeira esperou novas notícias de Zamir antes de divulgar a informação (MORRIS; BLACK, 1991, p.286).

Às 03:45 da manhã do dia 6 de outubro, Zamir ligou para Zeira e informou que a guerra viria naquele dia antes do pôr do sol. Análises subsequentes revelaram que a mensagem foi distorcida a caminho dos principais líderes militares e políticos de Israel e, em vez de expressar a certeza de que a guerra começaria "antes do pôr do sol", tornou-se um "pôr-do-sol" definitivo. O pôr do sol de 6 de outubro era 17h20, mas de alguma forma a hora foi fixada em 18h. A fonte também afirmou que o ataque seria um ataque combinado e simultâneo de forças egípcias e sírias (MORRIS e BLACK, 1991, p.287).

Em uma reunião de emergência realizada às 06:00 do dia 6 de outubro, o Alto Comando de Israel concentrou em duas questões principais: a extensão da mobilização do exército de reserva e a viabilidade política de um ataque aéreo preventivo. O Chefe do Estado-Maior considerou um ataque árabe como certo, mas o Ministro da Defesa foi mais reservado. Embora Elazar tenha solicitado uma mobilização maciça e um ataque preventivo, Dayan concordou com uma mobilização limitada e descartou um ataque preventivo. Em última análise, Meir decidiu a favor de uma mobilização massiva e contra um ataque preventivo. A mobilização começou às 10:00 do dia 6 de outubro (MCDERMOTT; BAR- JOSEPH, 2017, p.200).

Entretanto, o ataque árabe não começou às 18h, mas às 13:55, nas Colinas de Golã, 1.400 carros de combate sírios e mais de 1.000 peças de artilharia enfrentaram 177 carros de combate israelenses e 50 peças de artilharia. Ressalta-se que o montante israelense estava presente devido à convocação parcial de reservas de última hora. Os egípcios cruzaram o Canal de Suez às 14:00, superando facilmente as defesas israelenses (MORRIS; BLACK, 1991, p.288).

### 3.4 A INTELIGÊNCIA ISRAELENSE

Em 1973, a comunidade de inteligência israelense era composta por uma estrutura interligada de vários ministérios, uns com subordinação direta outros em coordenação (FIG. 5, ANEXO E). Destaca-se nessa estrutura o Diretor de Inteligência Militar (AMAN), o Diretor do MOSSAD, o Chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel (FDI), o Ministro da Defesa e uma equipe de operações especiais diretamente subordinada ao Chefe do Estado Maior, o Sayeret Matkal.

As capacidades de coleta de Sigint – Inteligência de Sinais –, Visint – Inteligência

Visual –, Comint – Inteligência de Comunicações – e Humint – Inteligência Humana – de Israel eram excelentes e responsáveis por diversos feitos, entre eles a descoberta dos planos de ataque do Egito, Síria e Jordânia em junho de 1967, o que motivou a Operação Foco.

Anteriormente à Guerra do Yom Kippur (1973), o MOSSAD recrutou várias fontes excelentes no Egito. A mais importante delas foi Ashraf Marwan, que começou a trabalhar para o MOSSAD em dezembro de 1970. Ele recebeu o codinome “o anjo” e provou ser talvez a melhor fonte humana que o MOSSAD já havia tido, conforme mencionado por Zvi Zamir (1925- ) diretor do MOSSAD entre 1968-1974 (MCDERMOTT e BAR-JOSEPH, 2017, p.193).

A informação de guerra era iminente, fornecida por Marwan na madrugada de 5 de outubro, era sem precedentes segundo Zamir. No centro das informações fornecidas por Marwan, estavam anotações sobre os preparativos de guerra do Egito e especificamente as armas que o Egito pediu à ex-URSS. “O anjo” também forneceu informações detalhadas sobre atividades militares incluindo a ordem de operações completa do exército egípcio, a Operação dos Altos Minaretes<sup>69</sup> (*Operation High Minarets*) (BAR-JOSEPH, 2016, p. 100-132).

Durante a segunda semana de abril de 1973, o MOSSAD recebeu avisos de várias de suas fontes no Egito de que a guerra com a Síria e o Egito começaria em meados de maio. Algumas fontes especificaram a data de 19 de maio. O aviso de Marwan, detalhou o plano em abril. A decisão tomada por Sadat em 23 de abril de adiar a guerra foi relatada por Marwan cerca de uma semana depois (MCDERMOTT e BAR-JOSEPH, 2017, p.196).

Apesar de ser um excelente agente, “o anjo” não era uma fonte com a qual os tomadores de decisão de Israel contavam para fornecer um aviso de guerra imediato. Nessa

---

<sup>69</sup> Como Sadat sabia que um contra-ataque de Israel era mais do que certo e que suas Forças Armadas eram vulneráveis à FAI, SADAT planejou uma variante (*Operation High Minerats*) do plano da Operação Badr e a manteve em sigilo absoluto, pois poderia comprometer a participação da Síria na campanha. A variante seria uma avanço de 10 a 15 Km das tropas após o cruzamento de Suez, mantendo-se protegido pela cobertura de mísseis antiaéreos.



conjuntura, eles contariam com os “meios especiais de coleta”. Este tipo de Comint foi construído especialmente para receber um claro aviso de guerra do Egito com antecedência de dias, permitindo a mobilização da reserva segundo McDermott e Bar-Joseph (2017, p.192-193). Nesse contexto, o Gen. David Elazar testemunhou, após a guerra, que todos estavam certos de que os “meios especiais de coleta” produziriam um claro aviso pelo menos 48 horas antes do início do combate (MCDERMOTT e BAR-JOSEPH, 2017, p.193).

### 3.4.1 O Conceito

Um conceito — uma estrutura de pensamento que permite ordem e significado para informações relevantes para uma percepção adequada de um problema concreto — é uma ferramenta essencial no trabalho de inteligência. Nesse enquadramento, as agências de inteligência de Israel desenvolveram um conceito militar estratégico sobre as pré-condições do Egito e a da Síria entrarem em guerra contra Israel. O cerne do conceito estava na suposição de que: (1) o Egito seria o ator principal; (2) a decisão do Egito estaria pautada na aquisição da capacidade de atingir alvos em profundidade de Israel como meio de neutralizar a FAI; e (3) a Síria entraria na guerra em segundo plano (BAR-JOSEPH, 2012, p.47).

O então Ministro da Defesa de Israel, Moshe Dayan, falou sobre o conceito:

“O “Conceito” não foi invenção de um gênio maluco da inteligência militar de Israel, nem do chefe da Inteligência Militar, nem do Ministro da Defesa, mas **surgiu a partir de informações muito críticas que pensávamos serem as melhores que se poderia obter... esta informação que se tornou a base do “Conceito” foi verificada de todas as formas possíveis e verificou-se ser autêntica e precisa.** Posso dizer com total confiança que qualquer agência de inteligência do mundo, e qualquer ministro da Defesa ou chefe de gabinete que obtivesse essa informação e soubesse como ela foi obtida [uma referência a Marwan-AB] teria chegado às mesmas conclusões<sup>70</sup> (SINIVER, 2013, p.200, grifo nosso).”

---

<sup>70</sup> *The “Concept” was not the invention of a mad-genius in Israel’s military intelligence, nor of the head of Military Intelligence, nor of the Defence Minister, but it emerged from very critical information which we thought was the best one could have acquired ... this information which became the foundation of the “Concept” was checked in every possible way and was found out to be authentic and accurate. I can say in*

### 3.5 O DESPISTAMENTO ÁRABE

O plano de despistamento egípcio, decidido em janeiro de 1973, foi baseado no conceito soviético de “maskirovka”: uma conquista da surpresa nos níveis estratégico, operacional e tático a partir de um despistamento amplo e em diversos níveis. No centro do plano egípcio estava a tentativa de convencer os israelenses de que as informações relativas às preparações militares estavam ligadas ao Tahrir-41, um grande exercício militar de rotina, realizado duas vezes por ano, desde 1968. Para que o plano de despistamento fosse bem-sucedido, eram utilizadas medidas passivas e ativas (BAR-JOSEPH, 2005, p. 25-26).

A medida passiva mais usada foi pelo Egito foi a compartimentação. Os comandantes do Segundo e Terceiro Exércitos egípcios souberam que o Tahrir-41 era apenas uma cobertura para a verdadeira guerra que começaria cinco dias depois, apenas em 1º de outubro, data em que o exercício começou. Seus comandantes de divisão souberam em 3 de outubro, os comandantes de brigada um dia depois e assim sucessivamente. Os sírios também adotaram as mesmas medidas de compartimentação (BAR-JOSEPH, 2005, p.26).

No início de outubro, Sadat e Assad informaram a Moscou que a guerra começaria em breve. O dia D preciso e a hora H foram entregues ao embaixador soviético em Damasco em 4 de outubro, fato que acarretou em uma evacuação em emergência de soviéticos e familiares do Egito e da Síria.

A medida ativa tomada para convencer Israel de que os preparativos militares do Egito eram para um exercício foi utilizada entregando três tipos principais de mensagens falsas aos israelenses. O primeiro tipo visava anular os indicadores de alerta antecipado,

---

*full confidence that any intelligence agency in the world, and any defense minister or chief of staff who would have got this information and would have known how it was obtained [a reference to Marwan—AB] would have come to the same conclusions” (SINIVER, 2013, p.200). Tradução nossa.*

ressaltando o efeito da “síndrome do lobo chorão” de Sadat e diminuindo a percepção dos israelenses sobre uma guerra iminente. Dessa categoria podem ser destacados os exercícios Tahrir e exercícios de mobilização e desmobilização reservistas (BAR-JOSEPH, 2005, p.27-28).

A segunda categoria de mensagens envolvia a utilização da mídia internacional e local para divulgar mensagens, como: o término do exercício Tahrir-41 em 7 de outubro e a desmobilização de 20.000 soldados da reserva. A terceira categoria de mensagens envolvia informações que retratavam seu exército como despreparado para a guerra fortalecendo a estimativa israelense dominante de que o Egito não se via com capacidade de vencer uma guerra (BAR-JOSEPH, 2005, p. 25-29).

No presente capítulo foi explorada, na história recente, as causas dos conflitos entre árabes e judeus, bem como as alianças presentes nos países do Oriente Médio. Percebeu-se que o Egito se preparou para uma nova guerra após a derrota em 1967, utilizando-se de meios militares adquiridos da ex-URSS para se fortalecer e desenvolveu técnicas de despistamento em vários níveis.

Por outro lado, percebeu-se que Israel, apesar de possuir uma comunidade de inteligência composta por diversos órgãos, com experiência e bem aparelhada foi influenciada a não produzir estimativas aderentes à realidade da época. Nesse ponto, destacam-se três fatores que contribuíram para essa conjuntura: (1) o “conceito” estratégico desenvolvido pela Inteligência Militar; (2) a expectativa de retorno dos “meios especiais de coleta” em caso de guerra; e (3) a influência exercida pelo informante egípcio “o anjo”.

As informações importantes aqui dispostas serão utilizadas para a análise posterior, no capítulo 4 – As Percepções Israelenses, de forma a identificar os efeitos cognitivos presentes no Alto Comando de Israel. Tal análise será baseada nos dados apresentados no capítulo 2 – Abordagem Teórica, e será apresentada a seguir.

## 4 AS PERCEPÇÕES ISRAELENSES

Embora possuidora de grande capacidade e estrutura admiráveis no cenário da época, a inteligência israelense era composta por seres humanos e, junto a eles, as limitações associadas aos processos cognitivos decorrentes da interação dos Sistemas 1 e 2 já apresentados. Dessa forma, no presente capítulo, serão identificados pontos de aderência entre a Teoria do Sistema 1 e Sistema 2 de Kahneman e o processo de tomada de decisão do Alto Comando de Israel, com foco na identificação de vieses e heurísticas que possam ter provocado o desvio da racionalidade durante o processo.

Destaca-se que o corrente estudo limitou-se a identificar conceitos abordados por Kahneman (2012), a fim de identificar efeitos cognitivos nos atores que integravam o Alto Comando de Israel, durante o processo de tomada de decisão israelense nas vésperas da Guerra do Yom Kippur. Dessa forma serão analisados as heurísticas e vieses associados aos decisores israelenses e examinados os aspectos que influenciaram a tomada de decisão de não realizar um ataque preventivo contra forças armadas inimigas já posicionadas nas fronteiras israelenses (FIG.3, ANEXO C; FIG. 4, ANEXO D).

### 4.1 VIESES E HEURÍSTICAS PRESENTES NO ALTO COMANDO DE ISRAEL

Com o objetivo de analisar as heurísticas e vieses presentes no Alto Comando de Israel, serão analisados nesta subseção as heurísticas de disponibilidade e de afeto, bem como a heurística de ancoragem associada a uma análise do “conceito” utilizado pela Inteligência israelense. Também serão examinados os vieses de confirmação, de excesso de precisão e de superposicionamento decorrentes do excesso de confiança identificados nos tomadores de decisão de Israel.

Como primeira heurística a ser analisada, a heurística da disponibilidade define-se como a substituição de uma questão difícil por outra mais fácil e a resposta de acordo com a facilidade com que as ocorrências vêm à mente. Essa heurística está intrinsicamente ligada ao termo WYSIATI. Conforme observado no capítulo 3, o “conceito” era uma precondição de o Egito deflagrar uma guerra contra Israel. Esse termo repetido diversas vezes e gerando coerência se firmou como disponível na memória dos decisores.

Outro ponto evidenciado na inteligência israelense era a existência dos “meios especiais de coleta”. Pontua-se uma confiança quase que absoluta dos decisores israelenses em esperar que o artefato apresentasse alguma indicação prévia de coordenação de guerra egípcia, o que permitiria a preparação israelense em caso de conflito.

Um terceiro ponto correlacionado com a heurística de disponibilidade foi o despistamento árabe. Como as informações percebidas e disponíveis eram de que uma ameaça não estava presente, tal fato gerou conforto cognitivo e contribuiu para a percepção incorreta do cenário de guerra.

Dessa forma, deduz-se que a heurística da disponibilidade atuou de maneira negativa para a percepção de ameaça de guerra da Síria e do Egito contra Israel, amparando-se no “conceito” e no alerta antecipado que seria emitido pelos “meios especiais de coleta”.

A segunda heurística relevante de análise é a heurística de afeto que pode ser definida como a forma com que as pessoas deixam suas simpatias e antipatias determinarem suas crenças acerca do mundo e assim moldarem suas percepções. Tal heurística pôde ser associada ao agente “o anjo”, devido à qualidade das informações constantemente passadas ao MOSSAD, como: ordem de operações de campanhas egípcias, pedidos de armamento para a ex-URSS pelo Egito, entre outros. Dessa maneira, o anjo foi associado como uma fonte de dados altamente confiável e importante, na qual a inteligência

israelense depositava a esperança de um alerta antecipado em caso de guerra contra o Egito. Ressalta-se que, conforme indicado Bar-Joseph (2012, p. 49-50), a probabilidade de que “o anjo” tenha sido um agente duplo<sup>71</sup> egípcio era muito alta.

Outro ponto importante merecedor de análise no corrente trabalho é o “conceito” e sua relação com a heurística de ancoragem. Esse termo foi utilizado como uma estrutura de pensamento para permitir ordem e significado de informações relevantes para uma percepção adequada de um problema concreto. Tal ferramenta definia as três pré-condições do Egito e Síria entrarem em guerra contra Israel.

Tais condições contribuíram para a ancoragem da iniciativa de guerra ser exclusivamente uma decisão egípcia. Tal fato tornou os analistas da AMAN responsáveis por estimar o Egito como fator dominante na avaliação da probabilidade da próxima guerra e isso teve um grande impacto na forma como Israel percebeu a conjuntura em outubro de 1973. Dessa forma, categoriza-se o “conceito” como uma heurística de ancoragem amparada em pré-condições de guerra para os decisores, uma vez que a análise de outros indicadores, como a clara escalada militar na fronteira com a Síria, foi simplificada e não considerada, o que impactou negativamente o processo decisório.

Um dos vieses de destaque no corrente estudo é o da confirmação. Tal viés é abastecido por operações da memória associativa e é utilizado pelo Sistema 2 para favorecer tanto a aceitação acrítica de sugestões, quanto o exagero da probabilidade de eventos extremos e improváveis. Dessa maneira, tende-se a aceitar as informações que corroboram com escolhas anteriores e os próprios pontos de vista e a desprezar dados que contrariavam os fatos encarados como certos. Exemplifica-se essa situação específica com a conduta do

---

<sup>71</sup> BAR-JOSEPH, U. *The Watchman Fell Asleep: The Surprise of Yom Kippur and Its Sources*. Estados Unidos: State University of New York Press, 2005, p. 49-50. Tradução nossa.

diretor da AMAN, Gen. Eli Zeira, em manter a sua estimativa de baixa probabilidade de guerra, ainda que as informações que chegassem serem muito discrepantes de sua análise. Outros decisores também foram impactados com o viés da confirmação, como é o caso do Ministro da Defesa, que assessorou apenas uma mobilização parcial sem um ataque preventivo na manhã de 6 de outubro de 1973. Em resumo, na conjuntura do ambiente de tomada de decisão do Alto Comando de Israel, as informações mais aderentes com o pensamento de não guerra foram mais aceitas a em detrimento da clara realidade de escalada militar, caracterizando-se assim um efeito negativo do viés de confirmação.

Outra questão a ser analisada diz respeito aos dois vieses associados ao excesso de confiança, aqui destacados como o excesso de precisão e o superposicionamento. O excesso de precisão descreve a tendência do indivíduo em estar muito certo acerca dos próprios julgamentos e decisões, sem interesse em testar essas suposições e indiferente às evidências que possam indicar erros. Tal ponto pôde ser percebido ao longo do processo de tomada de decisão israelense, quando as informações divergentes das estimativas de inteligência, especificamente as fornecidas pelo diretor da AMAN, foram desconsideradas. Já o superposicionamento, que representa a tendência de percepção de vantagem em relação a outros indivíduos em certas dimensões, especialmente em contextos competitivos, foi evidenciado como a crença de superioridade das FDI numa eventual contenda contra Egito e Síria. A influência de tal viés demonstrou ser um dos responsáveis pela ausência de elaboração de um plano concreto israelense para a hipótese de uma invasão egípcia e síria e pela falta de antecipação na mobilização de tropas.

Encerrando-se a análise da corrente subseção, pode-se afirmar que foram identificados os vieses de excesso de precisão e superposicionamento associados ao excesso de confiança israelense durante o processo decisório e preparação de um plano concreto

para uma hipótese de guerra. Também foram identificados efeitos negativos das heurísticas de disponibilidade, de afeto e de ancoragem nos decisores, bem como o viés de confirmação que minimizou os indicadores da crescente ameaça de guerra, impactando também negativamente o processo decisório do Alto Comando israelense.

#### 4.2 ANÁLISE DO PROCESSO DECISÓRIO NAS VÉSPERAS DO CONFLITO

Nas reuniões de coordenação do início de outubro, Meir expressou uma preocupação crescente com a possibilidade de guerra e buscou inclusive assessoria sobre armas que poderiam ser fornecidas pelo seu aliado – EUA. Dayan se mostrou preocupado com a hipótese de uma ofensiva síria, uma vez que Israel não possuía capacidade de defesa em profundidade na frente de combate em Golan. Ele demonstrava menos preocupação com um ataque egípcio por conta da distância de mais de 200 quilômetros do Sinai a Israel, apesar de o Egito possuir uma força militar bem superior à Síria. Galili expressou preocupação com a possibilidade de erro das estimativas de inteligência e ofereceu medidas práticas uma mobilização em larga escala no feriado do Yom Kippur.

Como já investigado, o elemento chave para a conduta de Meir, Dayan, Galili e Elazar na iminência da guerra era sua total confiança na eficácia dos “meios especiais de coleta”. Cada um deles testemunhou sobre isso ao Comissão Agranat. Nenhum deles sabia que Zeira não havia ativado os meios, o que os levou a entender que os meios estavam operacionais, mas não davam nenhuma indicação de guerra. Nesse ponto, comprova-se os efeitos da heurística da disponibilidade, uma vez que não havia retorno do equipamento israelense e essa informação era WYSIATI, associado a um viés de confirmação moldando a situação presente. Adicionalmente, heurística de ancoragem feita no não retorno dos “meios especiais de coleta” decorrente da preconcepção estratégica israelense gerou



excesso de confiança nos tomadores de decisão. Ampara-se nessa análise o fato de que, a partir de 1 de outubro de 1973, o não retorno dos meios especiais de coleta eram divulgados nas reuniões, o que acarretava também em uma ilusão de validade.

A confiança excessiva dos tomadores de decisão de Israel no retorno dos meios especiais como pré-condição para a mobilização do exército de reserva foi, *post factum*, um grave erro. No entanto, as discussões, especialmente as realizadas em 5 de outubro, não revelaram falhas graves no nível político de processamento de informações, abertura a novas informações ou fatores que pudessem estar ligados a altos níveis de estresse.

O contexto fornecido pela inteligência militar que estava disponível para os tomadores de decisão era composto por dois conjuntos opostos em formação. Por um lado, os exércitos egípcio e sírio foram totalmente desdobrados para a guerra e a ex-URSS tinha acabado de iniciar uma operação de evacuação inesperada de seus nacionais nos dois estados. Por outro, os meios especiais de coleta, considerados como um “seguro” contra um ataque surpresa egípcio, não deram nenhum aviso, e a AMAN, que havia produzido estimativas certas no passado recente, estimou a probabilidade de guerra como “baixa” no dia 5 de outubro. Nessas circunstâncias, Golda Meir e seus assessores a decidiram colocar o exército regular, a força principal para repelir uma ofensa árabe, no mais alto nível de alerta e iniciaram os preparativos para uma mobilização de emergência do exército de reserva, o que se concretizou após a reunião do dia 6 de outubro.

De acordo com a abordagem teórica apresentada no capítulo 2 e com o item 3.4.1 deste trabalho, o “conceito”, como era chamado a pressuposição de uma situação de iminente guerra entre Egito, Síria e Israel, pode ser deduzido como uma heurística de ancoragem. Ampara-se nessa afirmação a simplificação das múltiplas vertentes que teriam que ser analisadas e interpretadas corretamente por diferentes equipes e a ancoragem nas

três pré-condições de guerra presentes no conceito. Dessa maneira, a complexidade de análise foi substituída pelo conceito estratégico estabelecido mais simples de ser compreendido.

A confiança subjetiva no julgamento do “conceito” foi baseada em um sentimento que refletia a coerência da informação e o conforto cognitivo de processá-la. Dessa forma, deduz-se que o Alto Comando de Israel estava em uma condição de confiança elevada em função de terem construído uma história coerente em sua mente, embora não necessariamente verdadeira.

É importante ressaltar que, se o “conceito” levasse em consideração indicadores como a concentração de tropas e o número de blindados próximos à fronteira de Israel, a capacidade de engenharia adquirida pelo Egito, o aumento do quantitativo de ataques aéreos e operações de reconhecimento por aeronaves egípcias e sírias, uma assessoria ao Alto Comando de Israel teria sido mais eficaz e permitiria uma preparação adequada para o conflito vindouro.

Adicionalmente, a confiança excessiva em uma informação e, principalmente, no resultado que seria oferecido por aquela informação deduz-se decorrente da heurística de ancoragem. Mesmo possuindo dados que ofereciam interpretações opostas de cenários, a ancoragem feita inconscientemente em função da ausência de dados dos “meios especiais de coleta” fez com que os tomadores de decisão israelenses não enxergassem o perigo iminente de uma guerra. Nesse ponto, conecta-se também o viés de confirmação, WYSIATI e a heurística de disponibilidade, gerando uma imagem que, apesar de esdrúxula, era coerente com as concepções em vigor.

## 5 CONCLUSÃO

Apesar de possuir uma das redes de inteligência mais confiáveis e mais bem estruturadas do Oriente Médio, o Alto Comando de Israel foi enganado por um conjunto de informações e por efeitos cognitivos resultantes dos vieses do Sistema 1 e das heurísticas e do Sistema 2. Tais afirmações coadunam com os achados de diversas fontes consultadas ao longo do desenvolvimento do corrente trabalho.

De acordo com a abordagem teórica apresentada no capítulo 2, o “conceito”, ou o conjunto de requisitos para uma ação hostil de Egito e Síria contra, pôde ser definido como uma heurística de ancoragem, considerando a relevante simplificação adotada das múltiplas vertentes necessárias para compor uma análise de iminência de guerra. Dessa maneira, a complexidade de análise foi substituída pelo “conceito” estabelecido pela AMAN, mais simples de ser compreendido e que ancorou boa parte das análises realizadas pela Inteligência Militar de Israel.

Pontua-se também que o despistamento árabe foi eficiente em conjugar mecanismos para manipular a seu favor informações obtidas por agentes de inteligência de Israel. O contexto vigente gerou a percepção de indecisão egípcia no caminho para a guerra, gerando na AMAN a impressão de que Sadat experimentava a síndrome de “lobo chorão”, de quem promete, mas não cumpre. A informação disponível confirmava que o Egito, apesar de expressar publicamente que atacaria Israel, não o faria realmente, implicando, dessa forma, em uma heurística de disponibilidade de não ataque. Juntamente à heurística mencionada, acrescenta-se a heurística de afeto pelo agente de inteligência egípcio, que contribuiu para influenciar o diretor da AMAN e do MOSSAD e, conseqüentemente, o Alto Comando de Israel a: (1) não se preparar de maneira adequada para o conflito; e (2) ter um

conceito errado sobre pré-condições de o Egito efetuar um ataque. Pôde-se deduzir assim um efeito de ancoragem nas informações disponibilizadas pelo agente que influenciaram o processo decisório israelense.

A análise dos dados e a interpretação dos resultados da pesquisa bibliográfica também apontaram para a existência de um excesso de confiança das lideranças israelenses. Tal dedução se ampara na percepção de que as estimativas de inteligência estavam corretas e de invencibilidade das FDI. Nesse ponto, a confiança israelense refletia a coerência da informação do “conceito” e o conforto cognitivo gerado ao processá-lo. Ressalta-se que os dados de confiança elevada observados implicaram, acima de tudo, na construção de uma história coerente na mente dos assessores de inteligência, qual seja: o Egito deveria cumprir uma série de requisitos antes do ataque e, conforme observado em anos anteriores, tal Estado provavelmente não atacaria. Destaca-se que os citados pontos não conferem necessariamente veracidade na história percebida, apenas que ela foi aceita pelo sistema 1 e confirmada pelo sistema 2, compondo uma heurística de substituição para as variáveis complexas que teriam que ser analisadas para a hipótese de guerra do Egito contra Israel.

Adicionalmente, concluiu-se que três fatores também influenciaram o processo decisório do Alto Comando de Israel em outubro de 1973: (1) a cultura israelense de tomada de decisões de segurança nacional, que imputou, especialmente após a Guerra de 1967, um papel de destaque nas estimativas da Inteligência Militar; (2) o status pessoal do Gen. Eli Zeira, Diretor da Inteligência Militar, principalmente depois de sua estimativa tranquilizadora provou ser verdade em maio de 1973; e (3) sua decisão de mentir para seus superiores, conforme comprovado por testemunhos na Comissão Agranat, em relação à magnitude da ameaça que eles estavam enfrentando e de ter deixado desligado os “meios especiais de coleta” nas vésperas de uma escalada militar. Dessa forma, respondeu-se ao propósito do

corrente trabalho.

Em que pese uma pesquisa abrangente sobre a história da Guerra do Yom Kippur ter sido realizada, com as devidas identificações de fontes, grande parte do material tem origem em países ocidentais e em Israel. Poucas fontes de dados de origem árabe e estão disponíveis para a contraposição das narrativas encontradas. Tal fato pode ser considerado como uma limitação do corrente trabalho.

A presente pesquisa contribuiu para que fosse aprofundado o entendimento dos impactos de vieses e heurísticas presentes no processo de tomada de decisão do Alto Comando de Israel antes da deflagração da Guerra do Yom Kippur. Os efeitos desses fenômenos cognitivos induziram o Alto Comando a compreender um cenário de escalada militar de modo irracional diante dos fatos que estavam disponíveis. Dessa forma, abre-se um caminho para uma linha de pesquisa abordando outras ocasiões em que fenômenos cognitivos afetaram negativamente a racionalidade dos decisores de um Estado. Os eventos estudados estimulam também a busca pela elevação da consciência situacional visando à preparação para um possível cenário de conflito.

Como última contribuição do presente trabalho cita-se a importância observada na utilização de especialistas em processos decisórios, bem como de check-lists com indicadores e de algoritmos de apoio à decisão. Tais ferramentas de apoio quantificam informações, diminuem a complexidade do processo e apontam para uma assessoria com impacto reduzido decorrente de fenômenos cognitivos. Tais ferramentas poderiam ser empregadas na Marinha do Brasil, por membros do Almirantado, com o objetivo de priorizar ações a serem tomadas em um cenário de restrições de recursos ou em um cenário de crise.

## REFERÊNCIAS

- AGRANAT. **IDF & Defense Establishment Archives**, c2017. Disponível em: <https://archives.mod.gov.il/sites/English/docs/agranat2/Pages/default.aspx>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- BAR-JOSEPH, U. **The watchman fell asleep**: the surprise of Yom Kippur and Its sources. New York: State University of New York Press, 2005.
- BAR-JOSEPH, U. **The angel**: the egyptian spy who saved Israel. Reino Unido: HarperCollins, 2017.
- BAZERMAN, Max H. **Processo decisório**. Tradução: Daniel Vieira. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- BOWEN, Jeremy. **Six days**: how the 1967 war shaped the middle east. London: Simon & Schuster, 2003. p. 10-28.
- BLUM, H. **The eve of destruction**: the untold story of the Yom Kippur war. New York: Harper Collins, 2003. p. 120.
- BLUM, Ruthie. **Guerra dos palestinianos contra declaração Balfour**. Portugal: Embaixada de Israel, 2016. Disponível em: <https://embassies.gov.il/Lisboa/NewsAndEvents/Pages/A-Declaracao-Balfour.aspx>. Acesso em: 5 jul. 2022.
- BRASIL. Estado-Maior da Armada. **EMA-332**: processo decisório e estudo de estado-maior. 1a Rev. Brasília, DF: EMA, 2015, p. 3-1
- BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01**: glossário das Forças Armadas. 5. ed. Brasília, DF: MD, 2015.
- BREGMAN, A. Ashraf Marwan and Israel's intelligence failure. *In*: SIVINER, A. (ed.) **The Yom Kippur War**: politics, legacy, diplomacy. 1st ed. New York: Oxford University Press, Inc., 2013.
- CAMARGO, Cláudio. Guerras árabe-israelenses. *In*: MAGNOLI, D. (org.) **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 425-452

CHABAD, Beit. **O significado de Yom Kippur**. São Paulo: Consulado Geral de Israel, 2012. Disponível em: <https://embassies.gov.il/sao-paulo/NewsAndEvents/Pages/O-significado-de-Yom-Kippur.aspx>. Acesso em: 5 jul. 2022.

ERICSSON, K. Anders; HOFFMAN, Robert R.; KOZBELT, Aaron (ed.). **The Cambridge Handbook of expertise and expert performance**. Reino Unido: Cambridge University Press, 2018. p. 1670-1681.

ESCALA de apgar. Belo Horizonte: UFMG, 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/observaped/escala-de-apgar>. Acesso em: 3 ago. 2022.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA (EUA). **Memorandum for conversation**. Washington, DC: The White House, 1973. Disponível em: <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB98/octwar-17.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2022.

EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. **Manual de psicologia cognitiva**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. p. 1.

FINUNCANE, Melissa L. *et al.* The Affect Heuristic in Judgments of Risks and Benefits. **Journal of Behavioral Decision Making**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1-17, 2000.

FOER, J. **Moonwalking with Einstein: the art and science of remembering everything**. London: Penguin Books, 2011.

FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.

GAWRYCH, George W. **The 1973 arab-israeli war: the albatross of decisive victory**. New York: Defense Technical Information Center, 1996.

GELLER, Don. Israel Military Intelligence: intelligence during Yom Kippur War. **Jewish Virtual Library**, Oct. 1973. Disponível em: [https:// Israel Military Intelligence: Intelligence During Yom Kippur War \(1973\)](https://IsraelMilitaryIntelligence.com/IntelligenceDuringYomKippurWar(1973).htm). Acesso em: 5 jul. 2022.

HERZOG, C. **A guerra do Yom Kippur**. Tradução: Julio Galvez. Rio de Janeiro: Biblioteca do

Exercito, 1977.

KAHNEMAN, D. Maps of bounded rationality. **American Economic Review**, [S. l.], v. 93, n. 5, 2003. DOI: 10.1257/000282803322655392. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/000282803322655392>. Acesso em: 20 jun. 2022.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar**: as duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KAHNEMAN, D., SCHKADE, D. A.; SUNSTEIN, C. R. Shared outrage and erratic awards: the psychology of punitive damages. **Journal of Risk and Uncertainty**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 49–86, 1998.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Choices, values and frames. **American Psychologist**, [S. l.], v. 39, n. 4, p. 341-350, 1984. DOI: [doi.org/10.1037/0003-066X.39.4.341](https://doi.org/10.1037/0003-066X.39.4.341). Disponível em: <https://www.psycnet.apa.org/record/1985-05780-001>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MARCH, J. G.; Simon, H. A. **Organizations**. New York: John Wiley & Sons, 1958. p. 137-142.

MCDERMOTT, R.; BAR-JOSEPH, U. **Intelligence success and failure**: the human factor. Estados Unidos: Oxford University Press, 2017.

MEEHL, P. Causes and effects of my disturbing little book. **Journal of Personality Assessment**, [S. l.], v. 50, n. 3, p. 370-375, 1986. DOI: 10.1207/s15327752jpa5003\_6. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3806342/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MEEHL, P. **Clinical versus statistical prediction**: a theoretical analysis and a review of the evidence Meehl. Reino Unido: University of Minnesota Press, 1954.

MORRIS, B.; BLACK, I. **Israel's secret wars**: a history of Israel's intelligence services. New York: Grove Weidenfeld Press, 1991. p. 206-325.

PALMER, A. **Declínio e queda no império Otomano**. São Paulo: Ed. Globo, 2013. p. 261.

RABINOVICH, Abraham. **The Yom kippur war**: the epic encounter that transformed the middle east. [New York]: Schocken Books Inc, 2013. p. 631– 633.



ROSENZWEIG, P. **The Halo effect**: how managers let themselves be deceived. Reino Unido: Simon & Schuster UK, 2008. p. 131.

SLOVIC, P.; FINUNCANE, Melissa; PETERS, E.; MACGREGOR, D. G. **Journal of Behavioral Decision Making**, 2000, n.13: p. 117.

SIMON, H. A. **Administrative behavior**: a study of decision making process in administrative organization. 2. ed. New York: Macmillan, 1957. p. 40-44.

SIMON, H. A. **Comportamento administrativo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1979. p. 40-114.

SIMON, H. A. What Is an explanation of Behavior? **Psychological Science**, [S. l.], n. 3, p. 150-161, May 1992. Doi: 10.1111/j.1467-9280.1992.tb00017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1467-9280.1992.tb00017.x>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SINIVER, A. **The Yom Kippur war**: politics, legacy, diplomacy. Reino Unido: Oxford University Press, 2013. p. 144-208.

STANOVICH, K. **Rationality and the reflective mind**. Reino Unido: United States of America: Oxford University Press, 2011.

STANOVICH, K. E.; WEST, R. F. Individual differences in reasoning: implications for the rationality debate. **Behavioral and Brain Sciences**, [S. l.], v. 23, n. 5, p. 645-655, 2000. DOI:[10.1017/S0140525X00003435](https://doi.org/10.1017/S0140525X00003435). Disponível em: [www.researchgate.net/publication/12031890\\_Individual\\_Differences\\_in\\_Reasoning\\_Implications\\_for\\_the\\_Rationality\\_Debate](http://www.researchgate.net/publication/12031890_Individual_Differences_in_Reasoning_Implications_for_the_Rationality_Debate). Acesso em: 5 jul. 2022.

TALEB, N. N. **A lógica do cisne negro**: o impacto do altamente improvável. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

TVERSKY, Amos; KAHNEMAN, Daniel. Judgement under uncertainty: heuristics and biases. **Science**, [S. l.] v. 185, n. 4157, p. 1124-1331, Sept. 1974.

YOM Kippur. **Agranat Report**, 1973. Disponível em: <https://yom-kippur-1973.info/agranat/Agranateng.htm>. Acesso em: 5 jul. 2022.

## ANEXO A – POSIÇÕES OCUPADAS POR ISRAEL APÓS 1967



FIGURA 1 - Posições ocupadas por Israel após a Guerra dos Seis Dias.  
Fonte: CAMARGO in MAGNOLI, 2006.

## ANEXO B – DECLARAÇÃO DE BALFOUR

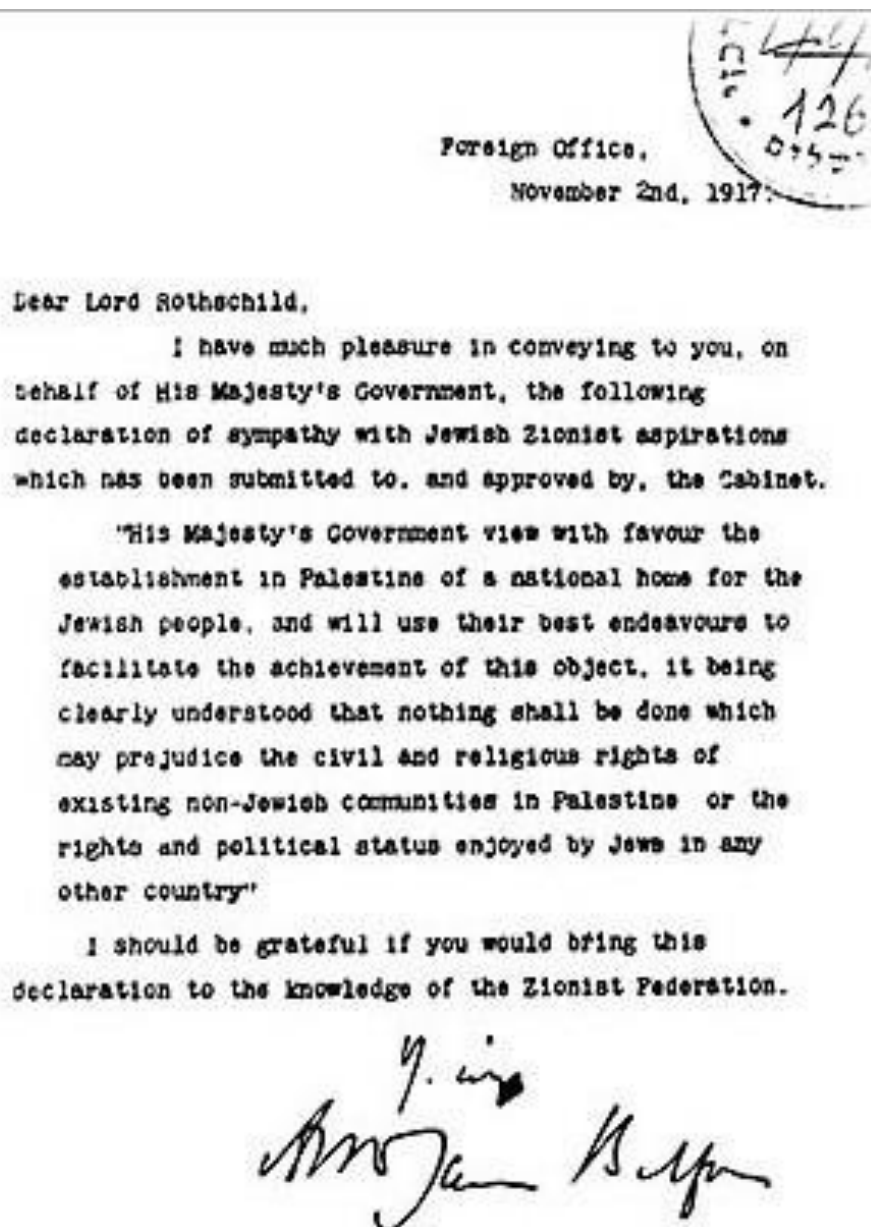
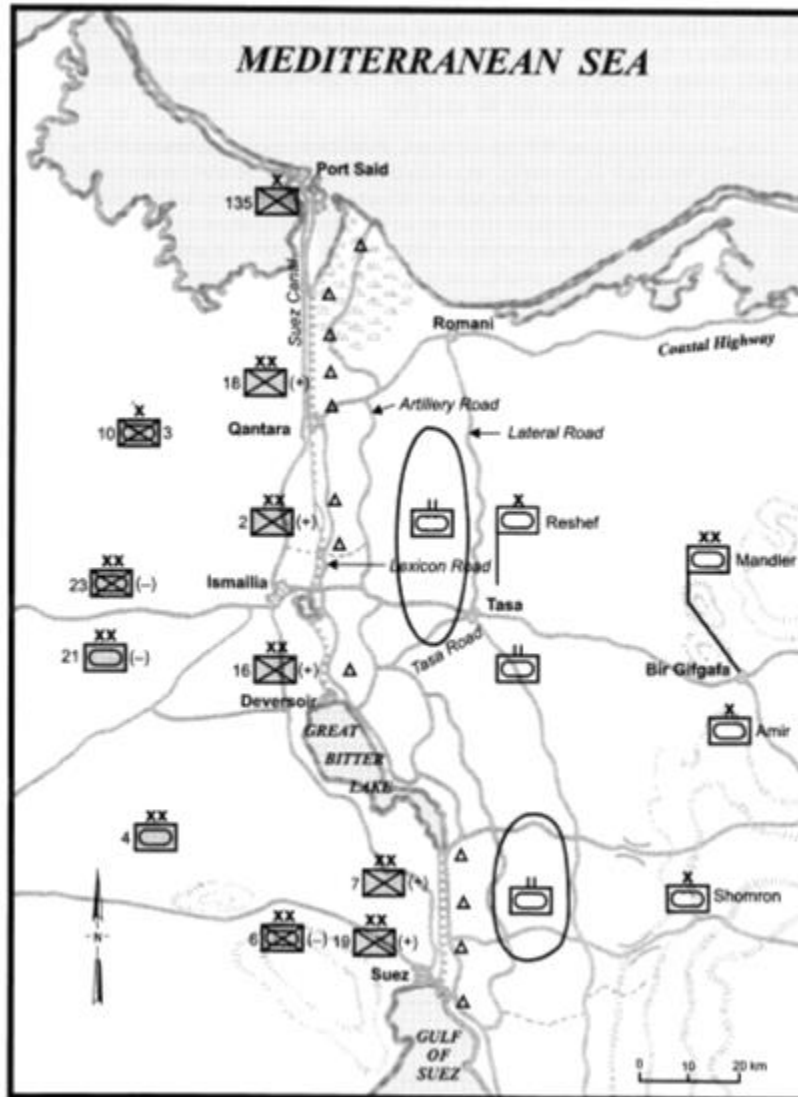


FIGURA 2 – Declaração de Balfour.  
Fonte: BLUM, 2016.

## ANEXO C – POSICIONAMENTO DE TROPAS NO SINAI



Map 2. Sinai front, initial dispositions, 6 October 1973

Figura 3- Tropas posicionadas no Sinai em 6 de outubro de 1973.  
 Fonte: GAWRYCH, 1996, p. 17.

## ANEXO D – POSICIONAMENTO DE TROPAS EM GOLÃ

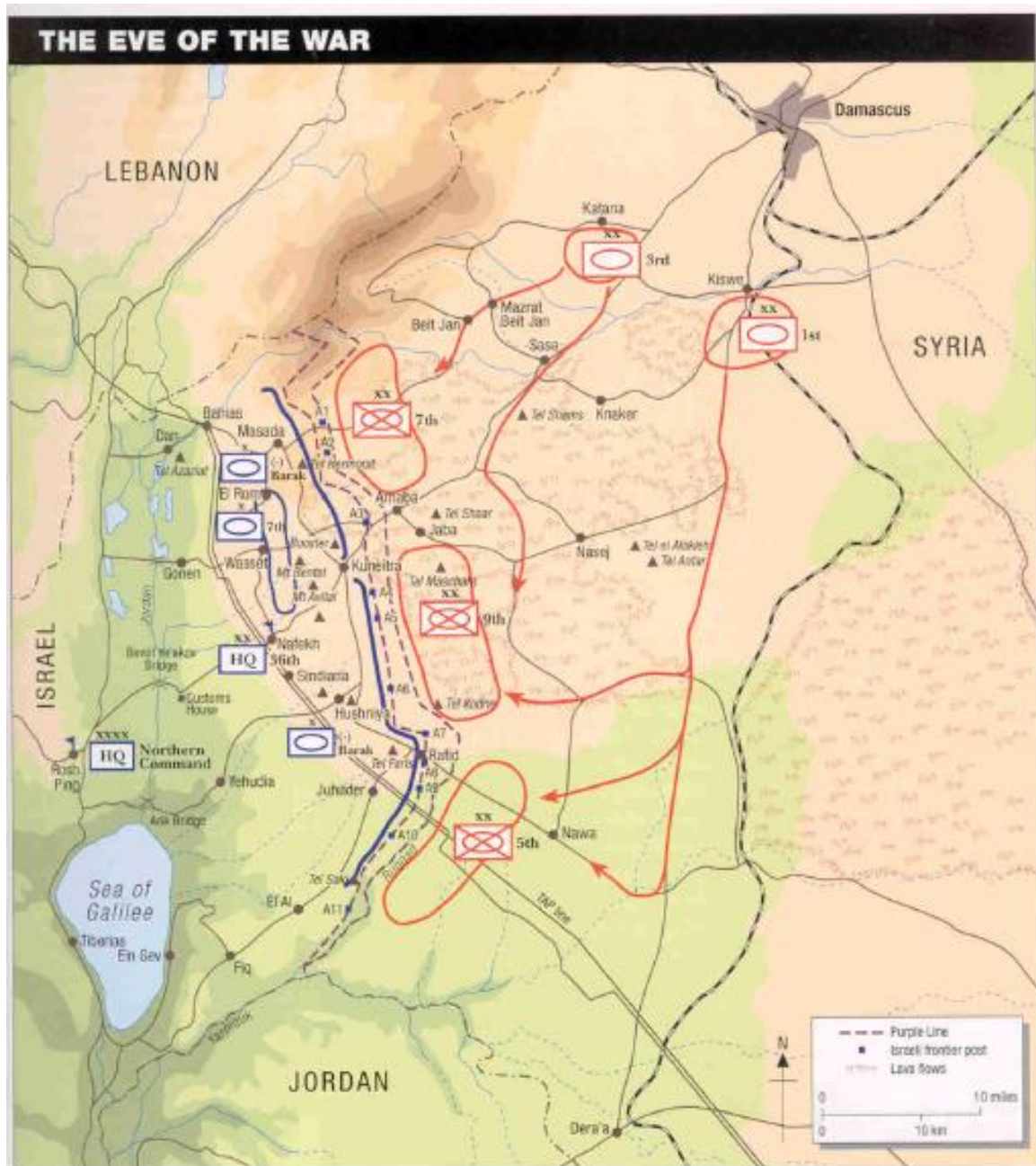


FIGURA 4 - Tropas posicionadas em Golã

Fonte: DUNSTAN, 1973, p. 9.

## ANEXO E – ESTRUTURA DA COMUNIDADE DE INTELIGÊNCIA DE ISRAEL

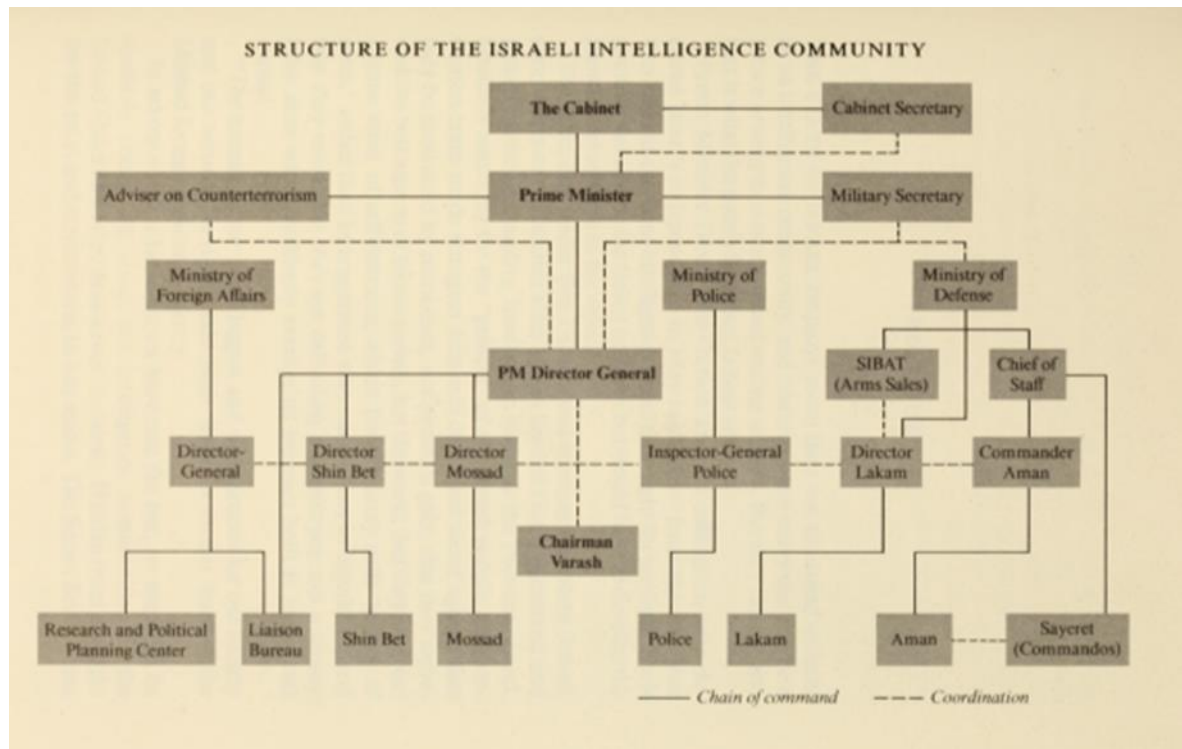


FIGURA 5 – Estrutura da Comunidade de Inteligência de Israel.

Fonte: RAVIV; MELMAN, 1990, p. xiii.